



Teologia Brasileira

Nº 89 | 2021 ISSN 2238-0388

1. O número da Besta: um estudo introdutório
em Apocalipse 13.16-18 4
Adriano da Silva Carvalho
2. O holocausto e a doutrina bíblica da depravação
total: como a Bíblia responde às diversas
atrocidades cometidas pelo ser humano 24
Willy Robert Rodrigues
3. Credos cristãos ecumênicos como identidade
cristã frente ao desafio do macroecumenismo 36
Ivan Carlos Gamba
Juan de Paula Siqueira
4. Unção de enfermos com óleo pelos presbíteros:
uma análise de Tiago 5.14-15 43
Rodrigo Gonçalves Majewski
- Lançamentos 50



VIDA NOVA

Teologia brasileira, uma produção de Edições Vida Nova

A Revista Teologia Brasileira tem o objetivo de proporcionar um espaço para discussão e produção de teologia que seja bíblica, confessional, relevante, sensível e aberta ao diálogo sobre temas que contemplem a realidade de nosso país. Para isso, contamos com o apoio de uma equipe que, em contato com pesquisadores, pastores, mestres e escritores, torna possível a veiculação de conteúdo que estimule a reflexão bíblica e teológica.

Conselho editorial

Me. Franklin Ferreira e Dr. Jonas Madureira

Coordenador de produção:
Sérgio Siqueira Moura

Revisão:
Jonathan Silveira

Contato:
teologiabrasileira@vidanova.com.br

Editorial

Já está disponível mais uma edição da revista Teologia Brasileira! Nesta edição, apresentamos um ensaio de Adriano da Silva Carvalho, que produz um estudo introdutório sobre a marca da Besta em Apocalipse 13.16-18. É possível identificar biblicamente esse personagem e esse número? Essas e outras perguntas serão respondidas pelo artigo de Adriano da Silva.

Willy Robert Henriques, por sua vez, escreve sobre o Holocausto sob a ótica da doutrina da depravação total do homem. Willy nos mostra como essa doutrina explica as inúmeras atrocidades cometidas pelo ser humano ao longo da história.

Alertando sobre as agendas ideológicas em torno da ideia de ecumenismo, Ivan Gamba e Juan de Paula Siqueira apresentam um artigo esclarecendo o conceito de ecumenismo segundo a tradição cristã expressa em seus credos e confissões de fé.

Por fim, Rodrigo Gonçalves Majewski oferece uma análise de Tiago 5.14-15 e explora a questão acerca da unção de enfermos com óleo por parte de presbíteros e pastores da igreja. O que o apóstolo Tiago quis dizer quando escreveu esses versículos? Rodrigo investiga o tema.

No vídeo desta edição, Robert Gagnon, estudioso da ética sexual bíblica, analisa textos do Novo Testamento que tratam da prática homossexual e faz importantes aplicações para os dias atuais.

Boa leitura!



[Assista ao vídeo!](#)

O número da Besta: um estudo introdutório em Apocalipse 13.16-18

Adriano da Silva Carvalho



Introdução

A busca pela identificação da marca da Besta e pelo significado do seu número sempre foi uma constante na vida de muitos cristãos. Mas é possível identificar biblicamente esse personagem e esse número? Além disso, qual seria o verdadeiro número da Besta? Essa pergunta deve ser feita porque os manuscritos gregos do Novo Testamento apresentam variantes para esse número: 616; 646 e 665. Assim, qual desses números seria o número correto? Igualmente, podemos supor que a marca da Besta tem a ver com os microchips que estão sendo implantados em nossos dias?¹ Essas e outras perguntas serão respondidas por este artigo.

¹Na Suécia, milagres de pessoas já usam microchips sob a pele, para mais detalhes ver: Época negócios. Disponível em: <<https://epocanegocios.globo.com/Tecnologia/noticia/2018/05/na-suecia-3-mil-pessoas-ja-usam-microchips-sob-pele-e-nao-temem-consequencias.html>> Acessado em: 18/06/2019. Ver também: BLASCO, Lucia. Como funcionam os microchips implantados sob a pele que permitem pagar sem dinheiro ou cartão. Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/curiosidades-46408032>> Acessado em: 18/06/2019.

O livro do Apocalipse

O Livro do Apocalipse é um dos livros da Bíblia que mais intriga os leitores modernos. Sua linguagem para muitos deles é simplesmente incognoscível. A dificuldade em compreendê-la não pode ser ignorada. Isso se dá por que o livro reflete um contexto distante do leitor moderno de pelo menos dois mil anos. Mas isso não quer dizer que sua leitura deva ser negligenciada em razão desse distanciamento sociocultural. Além disso, o livro não parece ter sido escrito em um sistema de criptografia impossível de se interpretar. Reconhece-se, contudo, que a obra tem suas complexidades e por isso tem sido uma fonte interminável de debates entre os estudiosos e um paraíso para os fanáticos.² Mas acredita-se que os leitores originais do livro não teriam sofrido muito para interpretar sua mensagem.³ A bem da verdade, somos nós os leitores modernos que temos muita dificuldade em interpretar sua linguagem e seus símbolos: as muitas interpretações do livro desde o amanhecer da história cristã são um sinal evidente de que os comentaristas estão divididos quanto ao melhor modo de abordar a sua mensagem.⁴ Mas de um modo geral o livro do Apocalipse é bem mais simples que os Evangelhos.⁵ E isso é bom, pois ele é de todos os livros do Novo Testamento o que nos dá uma exposição mais detalhada e extensa sobre a “profecia”.⁶

Assim, antes de iniciarmos nosso brevíssimo estudo sobre o número da Besta, será necessário considerarmos rapidamente alguns aspectos estruturais e literários do livro do Apocalipse. Esse é um passo importante porque nenhum livro do Novo Testamento apresenta tantos problemas como o livro de Apocalipse.⁷ Essas dificuldades dizem respeito a sua autoria; data; propósito, ambiente histórico; recepção no cânon do Novo Testamento etc.⁸ Não sem razão, esse livro teve seu reconhecimento

²Para mais detalhes ver: CARVALHO, Adriano da Silva. *Novo Testamento: da crítica da forma à história do Cânon*. Editora Reflexão, 2018. p.8.

³CARVALHO, Adriano da Silva. *Novo Testamento: da crítica da forma à história do Cânon*. Editora Reflexão, 2018. p.8-9.

⁴Ibid. p.9.

⁵Ibid. p.9.

⁶Ibid. p.9

⁷ROBERTSON, A.T. "Comentario al Texto Griego del Nuevo Testamento" (obra completa 6 tomos en 1). Editorial Clie, 2003. p.659.

⁸Ibid. p.659.

protelado nas igrejas do Oriente.⁹ A autoria do livro também sempre esteve em disputa. Caio de Roma, por exemplo, atribuiu o livro ao gnóstico Cerinto, mas Hipólito defendeu a autoria do apóstolo João.¹⁰ A disputa acerca do milenarismo levou Dionísio de Alexandria (terceiro século) a negar a paternidade do apóstolo João, embora tenha aceitado o livro como canônico.¹¹ Eusébio sugeriu um segundo João como seu autor.¹² E o Concílio de Laodiceia (360 d.C.) o omitiu, mas foi aceito no terceiro Concílio de Cartago (397 d.C.).¹³

Contexto histórico

O debate em torno do contexto histórico do livro de Apocalipse é amplo demais para ser abordado aqui. Mas podemos adiantar que o pano de fundo histórico do autor e leitores originais depende da data que se supõe que o livro foi escrito. No entanto, podemos pensar em um cenário onde o Império Romano estava apresentando (ou iria apresentar) algumas dificuldades para os cristãos. Daí a mensagem de encorajamento e de confiança que o livro transmite.¹⁴

Autoria

A autoria do livro tem sido muito debatida, mas alguns estudiosos estão certos que o livro foi escrito pelo apóstolo João.¹⁵

Data

O estabelecimento do contexto histórico dos leitores originais do livro de Apocalipse depende de fixarmos uma data para sua escrita. No entanto, não há

⁹ROBERTSON, A.T. “Comentario al Texto Griego del Nuevo Testamento” (obra completa 6 tomos en 1). Editorial Clie, 2003.p.659.

¹⁰Ibid.p.659.

¹¹Ibid.p.659.

¹²Ibid.p.659.

¹³ Ibid.p.659.

¹⁴OSBORNE, Grant R. *Apocalipse: comentário exegetico*. Editora Vida Nova, 2014.p.11-13.

¹⁵ROBERTSON, A.T. “Comentario al Texto Griego del Nuevo Testamento” (obra completa 6 tomos en 1). Editorial Clie, 2003.p.659-660. Ver também: OSBORNE, Grant R. *Apocalipse: comentário exegetico*. Editora Vida Nova, 2014.p.2-6.

um acordo entre os estudiosos acerca de quando o livro foi realmente escrito. Todavia uma tradição cristã da época de Irineu defende que o livro teria sido escrito na época do imperador Domiciano.¹⁶

Destinatários

Os leitores originais são identificados como habitantes da província romana da Ásia Menor (Apocalipse 1.4).

O estado do texto

Há somente cinco manuscritos unciais contendo o texto do Apocalipse. São eles: Alef, A, C, P, Q.¹⁷ Desses, Alef pertence ao quarto século; A e C ao quinto; Q ao oitavo; e P ao nono século.¹⁸ No entanto, somente Alef, A e Q (B₂) estão completos; no manuscrito C faltam os seguintes versículos: 1.1; 3.19-5.14; 7.14-17; 8.5-9.16; 10.10-11.3; 14.13-18.2; 19.5-21. E no manuscrito P faltam os versos: 16.12-17.1; 19.21-20.9; 22.6-21.¹⁹ Tanto o manuscrito C como o P são palimpsestos (manuscritos que foram raspados e reescritos).²⁰ Erasmo em sua tradução do Novo Testamento grego enfrentou o problema dos manuscritos incompletos traduzindo do latim os versos gregos faltosos.²¹ Mas ao agir dessa forma acabou por contribuir para aumentar o número de variantes textuais do Apocalipse.²² Segundo A.T. Robertson (citando Moffatt) nos 400 versículos do livro foram contadas mais de 1.600 variantes.²³

¹⁶Cf. OSBORNE, Grant R. *Apocalipse: comentário exegético*. Editora Vida Nova, 2014.p.6-11.

¹⁷ROBERTSON, A.T. “Comentario al Texto Griego del Nuevo Testamento” (obra completa 6 tomos en 1). Editorial Clie, 2003.p.659.

¹⁸Ibid.p.659.

¹⁹Ibid.p.659.

²⁰Ibid.p.659.

²¹Ibid.p.659.

²²Ibid.p.659.

²³Ibid.p.659.

O gênero

O livro de Apocalipse pertence ao gênero literário conhecido como “apocalíptico”.²⁴ Esse tipo de literatura se popularizou no período interbíblico e remete-se a livros como o de Daniel e a Assunção de Moisés, só para citarmos dois.²⁵ O termo designa tanto um tipo distinto de literatura judaica e cristã, como uma espécie de religião usualmente expressa nessa literatura.²⁶ Podemos afirmar que a apocalíptica judaica é produto de uma situação histórica distinta: a prometida salvação messiânica não aparecia; e em lugar do Reino de Deus, uma sucessão de reis pagãos governava o povo de Deus.²⁷ É nesse contexto de opressão e sofrimento que nasce a literatura apocalíptica. E obras como Jubileus e Apocalipse de Baruque (entre outras) surgem para provocar a esperança e a fé num futuro glorioso.²⁸

A principal característica da literatura apocalíptica é que ela recorre a uma ou várias visões do passado, do presente e do futuro (real ou escatológico).²⁹ Essas visões são normalmente concedidas ao vidente pelo próprio Deus, mas mediada por um ou vários anjos.³⁰ Isso permite que o autor transmita novas profecias, sem temer por determinadas acusações.³¹ Pela mesma razão, a maioria dos apocalipses judaicos apela para os nomes de grandes profetas como Moisés, Enoque, ou Isaías, não se sabendo quem de fato os escrevera.³²

Apocalipse e sua interpretação

O livro do Apocalipse tem sido interpretado de muitas maneiras desde que veio à luz no final do primeiro século d.C. Algumas dessas interpretações procuraram a equivalência precisa entre todas as imagens e figuras que ocorrem no livro com determinados eventos históricos, resultando em uma longa tradição de interpretação

²⁴Cf. CARVALHO, Adriano da Silva. *Novo Testamento: da crítica da forma à história do Cânon*. Editora Reflexão, 2018. p.7.

²⁵Ibid. p.7.

²⁶Ibid. p.7.

²⁷Ibid. p.7.

²⁸Ibid. p.7.

²⁹Ibid. p.11.

³⁰Ibid. p.11.

³¹Ibid. p.11.

³²Ibid. p.11.

“decodificação” na qual uma imagem é vista como tendo um significado particular.³³ Nesse caso, o intérprete assume que se o código é compreendido em sua totalidade, todo o livro do Apocalipse pode ser processado em uma ou em outra forma e seu significado interior desnudado.³⁴ Dessa maneira, são relacionadas algumas imagens do livro com certos personagens históricos ou determinado evento.³⁵ É nessa perspectiva que alguns intérpretes veem São Francisco como o anjo com o selo vivo em Apocalipse 7.2, e outros interpretam Apocalipse 9 como sendo uma descrição de ataques de mísseis balísticos sobre as cidades do mundo.³⁶ Muitos também leem o Apocalipse acreditando que ele revela todo o futuro da história, desde os tempos do Novo Testamento até a consumação final.³⁷ Outros acham que o Apocalipse conta a história da apostasia da Igreja Católica Romana. Mas há também aqueles que não veem no livro algum valor permanente.³⁸ Nesse caso, o livro é encarado como um apanhado de primitivos mitos cristãos sem nenhum significado para os nossos dias.³⁹ Por fim, existem aqueles que buscam descobrir no livro de Apocalipse certos princípios sobre o modo como Deus lida com os homens ao longo dos séculos.⁴⁰

Com essas breves, mas necessárias informações em tela, podemos agora partir para a explicação do tema proposta por este artigo.

Apocalipse 13

Uma leitura originada quando um copista tentou ajustar o verbo “ἑστάθη” — “pôs-se em pé” com a primeira pessoa do verbo “εἶδον” — “vi” levou os antigos

³³Ibid. p.13.

³⁴Ibid. p.13.

³⁵CARVALHO, Adriano da Silva. *Novo Testamento: da crítica da forma à história do Cânon*. Editora Reflexão, 2018. p.13.

³⁶Ibid. p.13.

³⁷Ibid. p.13.

³⁸Ibid. p.13.

³⁹Ibid. p.13-14.

⁴⁰CARVALHO, Adriano da Silva. *Novo Testamento: da crítica da forma à história do Cânon*. Editora Reflexão, 2018. p.14. Para saber mais sobre as abordagens do Apocalipse (historicista; preterista; futurista; idealistas e outras) ver: DEFRANCISCO, James. "Various Views on the Book of Revelation". Disponível em: <https://www.academia.edu/5260420/Various_Views_on_the_Book_of_Revelation> Acessado em: 18/06/2019.

a pensar que Apocalipse 12.18 funcionava como uma introdução ao capítulo 13.⁴¹ À parte dessa discussão, temos nesse capítulo o anúncio da manifestação de duas bestas, uma subindo do mar (13.1) e outra emergindo da terra (13.11). G.K. Beale e Sean M. McDonough supõem que a descrição desses dois animais pode ter sido feita tendo em mente Jó 40 e 41.⁴² Esses autores também acreditam que o material desse capítulo é uma reelaboração criativa de Daniel 7.1-7.⁴³ Acredita-se também que a unidade do livro parece ser reforçada pelo uso concentrado do substantivo grego “θηρίον” — “besta” (que ocorre 16 vezes).⁴⁴

As duas bestas descritas nesse capítulo são agentes por meio dos quais Satanás leva a cabo sua guerra contra os crentes.⁴⁵ A primeira besta que sai do mar é apresentada como um monstro com sete cabeças e características combinadas de outros animais. Ela é a encarnação dos poderes maus e atrai a admiração universal por atos que parecem ser benéficos.⁴⁶ A tarefa da segunda besta é persuadir as pessoas de que o que elas veem na primeira besta é admirável de modo que qualquer desvio ou contracultura deve ser considerado estranho, antissocial e, portanto, repudiado.⁴⁷ Assim, para alguns autores, em Apocalipse 13

⁴¹METZGER, Bruce M. “*Un Comentario Textual al Nuevo Testamento Griego*”. SBU,2006.p.667. Em Português ver: OMANSON, Roger L. *Variantes textuais do Novo Testamento*. SBB,2010. p.557. Ver também: OSBORNE, Grant R. *Apocalipse: comentário exegético*. Editora Vida Nova, 2014.p.549.

⁴²BEALE, G.K.; CARSON, D.A. *Comentário do uso do Antigo Testamento no Novo Testamento*. Editora Vida Nova,2014.p.1371.

⁴³BEALE, G.K.; CARSON, D.A. *Comentário do uso do Antigo Testamento no Novo Testamento*. Editora Vida Nova,2014.p.1372. Ver também: FRUCHTENBAUM, Arnold. “The Use of the Old Testament in the Book of Revelation”. Disponível em<<https://pdfs.semanticscholar.org/8e7f/382029dd1f7b76ab573cd612e5e10595252a.pdf>> Acessado em:17/06/2019.

⁴⁴LEE, Michelle V. “A Call to Martyrdom: Function as Method and Message in Revelation”. *Novum Testamentum* Vol. 40, Fasc.2, 1998.p.178.

⁴⁵MOUNCE, Robert. “Comentario al libro del Apocalipsis”. Editorial Clie, 2007.p.338.

⁴⁶ROWLAND, Christopher. “Reading the Apocalypse”. *The Way*, [s. l.], v. 39, n. 4, 1999.p.355.

⁴⁷*Ibid*.p.356.

temos um retrato gráfico da operação ideológica do Estado.⁴⁸ Também tem sido ressaltado que uma das bestas está ligada a Daniel 7.⁴⁹ Certos detalhes sugerem que ela é uma combinação das quatro bestas de Daniel 7: os “dez chifres” (v.1) a ligam à quarta besta (Dn 7.7,8); ela é semelhante a um leopardo, como a terceira besta (Dn 7.6); seus pés semelhante aos de urso lembram a segunda besta (Dn 7.5); e sua boca semelhante à do leão a associa com a primeira besta (Dn 7.4).⁵⁰ Enquanto Daniel 7 está interessado em quatro reis e reinos sucessivos (Dn 7.17.23), “Apocalipse 13 concentra-se em um grande reino, que é a culminação de todos os terrores dos anteriores”.⁵¹

A Besta e os mitos pagãos

Adela Yarbro Collins reconheceu haver uma intertextualidade de Apocalipse 13 com Jó e Daniel, mas ressaltou que a estrutura narrativa desse capítulo apresenta algumas semelhanças com a narrativa de certos mitos cananeus.⁵² Collins lembrou que “Yam” — “mar” (de onde a primeira besta emerge) nos mitos cananeus representava uma divindade que vivia em conflito com Baal, o deus da tempestade e da fertilidade.⁵³ Também destacou que no Antigo Testamento o mar às vezes aparece como um oponente de Deus (Sl 74.13).⁵⁴ Assim, a associação da Besta com o mar a caracteriza como um símbolo mítico do caos e da rebelião.⁵⁵

⁴⁸Ibid.p.355.

⁴⁹BROWN, Raymond E.; FITZMYER, Joseph A.; MURPHY, Roland E. *Novo Comentário Bíblico São Jerônimo: Novo Testamento e artigos sistemáticos*. Academia Cristã e Paulus, 2011.p.859.

⁵⁰Ibid.p.859.

⁵¹Ibid.p.859.

⁵²Ibid.p.859.

⁵³Ibid.p.859.

⁵⁴Ibid.p.859.

⁵⁵Ibid.p.859.

A marca como paródia

Fulton J. Sheen certa vez afirmou: “... o diabo é a imitação de Deus”.⁵⁶ Mas alguns autores traduziram “o diabo é o macaco de Deus”.⁵⁷ Uma imitação parece ser o que o autor do Apocalipse tem em mente quando descreve algumas passagens do livro. Por exemplo, o Apocalipse se refere repetidamente ao nome de Deus escrito na testa dos crentes (3.12,14; 22.4); e também fala de crentes sendo selados (Ap 7.3).⁵⁸ Assim, podemos supor que a marca da Besta seja uma imitação do selo divino: Deus sela os seus redimidos (Ap 7.3), mas o Diabo (o macaco, o imitador) marca os seus adoradores (Ap 13.16). Para Judge a marca da Besta pode ser concebida como a contrapartida visionária da tradição de um sinal público de compromisso com Deus.⁵⁹

Estigmas e marcas na antiguidade

O termo “marca ou sinal” em Apocalipse 13.16 é o substantivo (neutro) grego χάραγμα. Essa palavra pode indicar uma marca gravada ou uma imagem esculpida.⁶⁰

Não era difícil encontrar pessoas com marcas ou tatuagens na antiguidade. As marcas podiam ser feitas por várias razões. Um devoto de Asclépio (na mitologia Greco-Romana, o deus da medicina e da cura) podia marcar seu próprio

⁵⁶SHEEN, Fulton J. “El Comunismo y la Conciencia Occidental”. Espasa Calpe, 1961. p.24.

⁵⁷Cf. *A fumaça de Satanás na igreja*. Disponível em: <<https://www.armazemcatolico.com/dvd-a-fumaca-de-satanas-dentro-na-igreja-pr-9172-103175.htm>> Acessado em:19/06/2019.

⁵⁸Segundo Edwin Judge isso pode ter relação como Êxodo 28.36-38 e a lâmina de ouro puro do turbante de Aarão que tinha gravada “Santidade ao Senhor”. Ele vê semelhanças com Daniel 28.10; Isaías 43.7,63 e Tiago 2.7. O autor também ressaltou que em Ezequiel 9.2-6 um homem vestido de linho colocou na testa daqueles que deveriam ser poupados uma marca, para mais detalhes, ver: JUDGE, Edwin A. “The Mark of the Beast, Revelation 13.16”. Tyndale Bulletin 42.1 (1991).p.158.

⁵⁹JUDGE, Edwin A. “The Mark of the Beast, Revelation 13.16”. Tyndale Bulletin 42.1 (1991).p.158.

⁶⁰Cf. GREEN, Jay P.; WIGRAM, George V. “The New Englishman's Greek Concordance and Lexicon”. Associated Publishers & Authors, INC, 1982.p.913. Ver também: ROBINSON, Edward. *Léxico Grego do Novo Testamento*, CPAD, 2012.p.979.

corpo com um sinal de devoção e de agradecimento.⁶¹ Um seguidor de Cybele e Attis podia ser “selado” com tatuagens.⁶² Um motorista de carruagem bizantina podia ter a testa tatuada com uma cruz.⁶³ Os escravos fugitivos podiam ser marcados na testa como penalidade.⁶⁴ Mas os cristãos (coptas/ Egito) também marcavam seus corpos com tatuagens.⁶⁵ Marcas também poderiam ser impressas como uma exigência. Por exemplo, supõe-se que em algumas cidades da Ásia Menor para se ter acesso ao tribunal a pessoa deveria receber previamente uma marca.⁶⁶ Acredita-se que na cidade de Éfeso no tempo do imperador Domiciano a entrada ao mercado só era liberada para aqueles que mostrassem uma marca.⁶⁷ Aqueles que fossem fazer compras ou negociar mercadorias eram obrigados (antes de entrar no mercado) a oferecer um sacrifício ao imperador.⁶⁸ Uma marca em tinta no pulso ou na testa era feita como sinal de que a obrigação foi cumprida.⁶⁹ A pessoa com a marca teria acesso liberado ao mercado: poderia comprar e vender.⁷⁰ Porém, não temos certeza se tal obrigação realmente existiu.⁷¹ No entanto, sabemos que o

⁶¹JUDGE, Edwin A. “The Mark of the Beast, Revelation 13.16”. Tyndale Bulletin 42.1 (1991).p.158-159.

⁶²Ibid. p. 160.

⁶³Ibid.p.160.

⁶⁴Ibid.p.160.

⁶⁵Cf. JOHNSON, Jennifer A. “Tattoos of the Cross”. Disponível em:<<https://www.christianitytoday.com/history/2009/march/tattoos-of-cross.html>> Acessado em: 15/06/2019. A tatuagem dos coptas geralmente consistia de três linhas, três pontos e dois elementos. Era assim porque o número três representava a trindade, ver :TASSIE, Geoffrey J. “Identifying the Practice of Tattooing in Ancient Egypt and Nubia”. Institute of Archaeology 14, 2003. p.87.

⁶⁶JUDGE, Edwin A. “The Mark of the Beast, Revelation 13.16”. Tyndale Bulletin 42.1 (1991).p.158-159.

⁶⁷Ibid.p.159-160. Sobre o templo dedicado ao imperador ver: CUKROWSKI, Kenneth. “The Influence of the Emperor Cult on the Book of Revelation”.Disponível em:<<https://pdfs.semanticscholar.org/4cf1/83bac15232879f2dbd09d559c7364ab383cd.pdf>> Acessado em:15/06/2019.

⁶⁸JUDGE, Edwin A. “The Mark of the Beast, Revelation 13.16”. Tyndale Bulletin 42.1 (1991).p.160.

⁶⁹Ibid.p.160.

⁷⁰Ibid.p.160.

⁷¹Parece que estamos aqui no campo das conjecturas.

culto a César havia se tornado obrigatório para todo cidadão romano na época de Domiciano:⁷² em cada província havia funcionários e sacerdotes para administrar esse culto. Segundo William Barclay, a pessoa depois que rendia seu culto anual ao imperador podia solicitar um certificado como prova disso.⁷³ O texto do pedido e do certificado constava o seguinte:⁷⁴

Aos que foram designados para presidir os sacrifícios, de parte do Inares Aqueo, da localidade do Teoxenis, junto com seus filhos Aias e Fira, aqueles que vivem na localidade de Teladelfia. Sempre oferecemos sacrifícios aos deuses e agora, em sua presença e segundo as normas vigentes, oferecemos sacrifícios e libações e provado as coisas sagradas e lhes solicitamos que nos deem um certificado no qual conste que cumprimos.

O texto do certificado dizia: “nós, os representantes do Imperador, Sereno e Hermas, os vimos oferecer sacrifício”.⁷⁵ Mas esse certificado seria a marca da Besta? Não podemos responder a essa pergunta. Todavia para alguns autores a adoração da imagem da Besta (13.14) tem sido associada à promoção do culto imperial romano, que foi particularmente difundido na área das igrejas mencionadas no Apocalipse.⁷⁶ Christopher Rowland, por exemplo, afirmou que essa adoração não poderia ser praticada em privado, pois os adoradores receberiam uma marca na mão ou na testa.⁷⁷ Além disso, consequências públicas, sociais e econômicas seriam impostas aos que se recusassem adorar a Besta: sem o nome da Besta ou o número de seu nome, torna-se impossível comprar ou vender.⁷⁸

A gematria e o número da Besta

Desde o bispo Vitorino de Pettau que sofreu martírio sob Diocleciano (303 a.D) a equivalência entre letras e números tem sido estudada na tentativa de eluci-

⁷²BARCLAY, William. *Comentário do Novo Testamento*. [s.l.; s.n.; s.d.].p.317.

⁷³Ibid. p. 317.

⁷⁴Ibid. p. 317.

⁷⁵Ibid. p. 317.

⁷⁶ROWLAND, Christopher. "Reading the Apocalypse". *The Way*, [s. l.], v. 39, n. 4, 1999.p.354.

⁷⁷Ibid.p.354.

⁷⁸Ibid.p.354.

dar o enigmático número 666.⁷⁹ Muitos autores continuaram acreditando que a gematria forneceria as chaves para o entendimento do significado do número da Besta.⁸⁰

Mas o que é a gematria? É um método hermenêutico que analisa cada letra pelo seu equivalente numérico. Gematria faz parte de uma tradição judaica que se remete à interpretação talmúdica do Tanach através do Baraita de 32 regras.⁸¹ Não é, no entanto, uma prática estritamente judaica. Pelo contrário, os babilônios e os gnósticos da era cristã primitiva usavam o conceito de gematria, bem como os intérpretes de sonhos na Grécia helenística.⁸² Um exemplo de uso não bíblico da gematria é Sargão II, o rei assírio, que construiu uma muralha próxima a Khor-sabad de 16.283 côvados de comprimento para coincidir com o valor numérico de seu nome.⁸³ Gershom Scholem, estudioso cabalístico do século 20 supôs que a ascensão da gematria judaica teria ocorrido do uso de letras gregas na época do Segundo Templo.⁸⁴

Segundo a hermenêutica da gematria o número 666 apontava para o imperador romano Nero. O nome “Caesar Neron” escrito em letras hebraicas (רסן ורנ) equivale a 666.⁸⁵ No entanto, se o num sofit (a letra N(ene) no final de uma palavra

⁷⁹Sobre o martírio de Vitorino e o fato dele ter sido um dos primeiros comentaristas do livro do Apocalipse ver: BRUCE, F.F. “The Earliest Latin Commentary on the Apocalypse”. *The Evangelical Quarterly* 10, 1938.p.352-366. Partes do comentário de Vitorino está acessível online, ver: VICTORINUS. “Fathers of the Church. Commentary on the Apocalypse”. Disponível em <<http://www.newadvent.org/fathers/0712.htm>> Acessado em: 17/06/2019.

⁸⁰OSBORNE, Grant R. *Apocalipse: comentário exegético*. Editora Vida Nova, 2014.p.581-582.

⁸¹PIVIK, Brian. “Gematria and Tanakh”. © 2011 Brian Pivik. All rights reserved.p.3.

⁸²Ibid.p.3.

⁸³Ibid.p.3.

⁸⁴Ibid.p.3.

⁸⁵METZGER, Bruce M.; EHRMAN, Bart D. “The Text of the New Testament: Its Transmission, Corruption and Restoration” (Fourth Edition). Oxford University Press, 2005. p.61. Ver também: METZGER, Bruce M. “Un Comentario Textual al Nuevo Testamento Griego”. SBU, 2006.p.670. Em Português ver: OMANSON, Roger L. *Variantes textuais do Novo Testamento*. SBB, 2010. p.561. Ver também: ROWLAND, Christopher. “Reading the Apocalypse”. *The Way*, [s. l.], v. 39, n. 4, 1999.p.355.

em hebraico) for omitido (רסק ורנ) temos então o número 616.⁸⁶ Além disso, o nome “Nero Caesar” escrito em latim equivale ao número 616. O problema é que temos mais dois números sugeridos em manuscritos gregos como sendo o número da Besta, são eles o número 646 e o número 665.

Variantes textuais e o número da Besta

O crítico textual (e um dos maiores colecionadores de manuscritos gregos do livro de Apocalipse) H.C. Hoskier comentou certa vez que o estudo textual deve sempre ser o precursor de qualquer interpretação.⁸⁷ Assim, um passo importante em direção ao entendimento do número da Besta será verificar a ocorrência e estabilidade dessa leitura nos manuscritos gregos que chegaram até nós. Ao iniciar essa pesquisa descobrimos que alguns manuscritos antigos apresentam variantes textuais para esse número. Por exemplo, no manuscrito C e em alguns manuscritos que Irineu (segundo século) e Ticônio (quarto século) conheciam, o número da Besta era 616.⁸⁸ Nesses manuscritos, em lugar do numeral grego sessenta (ἑξήκοντα), ocorria o numeral dez (δέκα); assim, 616 em lugar de 666.⁸⁹ Também na oitava edição do *Novum Testamentum Graece* de Tischendorf o número 616 é apresentado em dois manuscritos minúsculos.⁹⁰ No aparato crítico de *O Novo Testamento Grego — Quarta edição Revisada* — conhecemos outras variantes textuais do número da Besta, como veremos a seguir.

A) ἑξήκοντα ἑξ (sessenta e seis= 666) ocorre nos seguintes manuscritos: p⁴⁷ ⲛ A 051 205 209 1006 1611 1841 2052 2329 2351 2377 Biz[P 046] it^{gig} vg sir^{fi,h}

⁸⁶METZGER, Bruce M.; EHRMAN, Bart D. “The Text of the New Testament: Its Transmission, Corruption and Restoration” (Fourth Edition). Oxford University Press, 2005. p.61.

⁸⁷HOSKIER, H. C. “Concerning the Text of the Apocalypse: Collations of all Existing Available Greek Documents with the Standard Text of Stephen's Third Edition” (Vol. I). Londres: Bernard Quaritch, LTD, 1929.p.ix.

⁸⁸METZGER, Bruce M. “Un Comentario Textual al Nuevo Testamento Griego”. SBU, 2006.p.670.

⁸⁹Ibid.p.670.

⁹⁰Ibid.p.670.

cop^{sa,bo} arm eti Irineu Hipólito André; Vitorino-Pettau Gregório-Elvira Primásio Beato.⁹¹

B) **ἑξήκοντα πέντε** (sessenta e cinco= 665) ocorre em um manuscrito minúsculo, o 2344.⁹²

C) **τεσσαράκοντα ἕξ** (quarenta e seis= 646) aparece no manuscrito it^{ar}.⁹³

D) **δέκα ἕξ** (dezesseis= 616) ocorre nos seguintes manuscritos: p¹¹⁵ (χῖς) C vg^{ms} mss^{seg.} Irineu; Cesário.⁹⁴ Essa variante possivelmente poderia se referir a “Caio” César (o louco Calígula) ou então a “Nero César”.⁹⁵

O manuscrito (p¹¹⁵) é um texto fragmentário do livro de Apocalipse publicado como Oxyrhynchus papyrus 4499. Ele consiste em 26 fragmentos de nove páginas diferentes, segundo Metzger e Ehrman é impossível saber se o manuscrito original incluía outros textos junto com o Apocalipse.⁹⁶ Esse manuscrito pode ser paleograficamente datado do final do terceiro ou do início do quarto século, e, é uma das mais antigas testemunhas do livro de Apocalipse, “um pouco mais antiga que o Codex Sinaiticus, mas não tão antiga quanto o manuscrito (p⁴⁷)”.⁹⁷ Outra característica interessante desse manuscrito é que ele apresenta o número 616 como sendo o número da Besta. Mas qual dessas variantes apresentadas acima tem mais chance de ser a original? Acredita-se que aquela que afirma que o número da Besta é 666. O testemunho de Irineu parece favorecer esse número, além disso,

⁹¹O *Novo Testamento Grego* – Quarta edição Revisada. SBA/SBB, 2008.p.723.

⁹²O *Novo Testamento Grego* – Quarta edição Revisada. SBA/SBB, 2008.p.723. Esse manuscrito (códice) é datado do século XI e atualmente está na Biblioteca Nacional de Paris. Ele contém o livro de Atos; epístolas católicas; epístolas paulinas e o livro do Apocalipse, ver: METZGER, Bruce M.; EHRMAN, Bart D. “The Text of the New Testament: Its Transmission, Corruption and Restoration” (Fourth Edition). Oxford University Press, 2005. p.92.

⁹³O *Novo Testamento Grego* – Quarta edição Revisada. SBA/SBB, 2008.p.723.

⁹⁴Ibid.p.723.

⁹⁵GUTHRIE, Donald. “New Testament Introduction”. Intervarsity Press - 4th ed. 1990.[n.p].

⁹⁶METZGER, Bruce M.; EHRMAN, Bart D. “The Text of the New Testament: Its Transmission, Corruption and Restoration” (Fourth Edition). Oxford University Press, 2005. p.61.

⁹⁷Ibid. p. 61.

ele é “atestado pelas boas e antigas cópias e por aqueles que tinham conhecido João pessoalmente”.⁹⁸

O número da imperfeição

Segundo William Milligan, o número seis despertava um sentimento de medo entre os judeus.⁹⁹ Isso porque indicava a incapacidade de alcançar o ponto sagrado.¹⁰⁰ Sua repetição (6 três vezes) significava mais que uma queda do número de perfeição: sete.¹⁰¹ Nessa perspectiva, a Besta parece estar próxima da perfeição, mas, o que a falta, a torna diabólica e absolutamente oposta a Deus.¹⁰² Seu número é três vezes aquém da perfeição.¹⁰³ Porém, como ela tem a aparência da verdade, pode facilmente enganar.¹⁰⁴

O latim é o número da Besta

Irineu interpretou o número 666 seguindo o mesmo ponto de vista da gematria, assim para ele:¹⁰⁵

...O primeiro governante romano foi Latinus. Seu nome escrito em grego é Lateinos. Letras gregas são numerais, cada letra representando certo número. Assim: L-a-t-e-i-n-o-s. Essas letras gregas quando usadas como numerais são iguais para os números opostos e seu total adicionado é 666. Aqui, então, é o número da Besta e é o número de um homem, e é 666. A marca da Besta então, é a palavra “latim”.

⁹⁸METZGER, Bruce M. “Un Comentario Textual al Nuevo Testamento Griego”. SBU,2006.p.670. Em português ver: OMANSON, Roger L. *Variantes textuais do Novo Testamento*. SBB,2010. p.561.

⁹⁹MILLIGAN, William. “The Expositor's Bible: The Book of Revelation”. Hodder & Stoughton.(s.d).p.235

¹⁰⁰Ibid.p.235

¹⁰¹ROWLAND, Christopher. “Reading the Apocalypse”. The Way, [s. l.], v. 39, n. 4, 1999.p.355.

¹⁰²Ibid.p.355.

¹⁰³Ibid.p.355.

¹⁰⁴Ibid.p.355.

¹⁰⁵CARROL, B.H. “An Interpretation of the English Bible: The Book of Revelation”. Fleming H. Revell Company, 1913.p.189.

Vamos explicar melhor! Naquela época o latim era a língua mais importante tanto do mundo civil quanto do mundo religioso.¹⁰⁶ Assim, o que se tem em mente aqui é o império latino papal.¹⁰⁷ No entanto, segundo David Brady, o próprio Irineu abandonou essa tese em favor de um novo argumento baseado no termo “teitan”.¹⁰⁸ Brady lembrou que a nota marginal de Apocalipse 13.18 na Bíblia de Genebra (de 1560) faz menção a esse mesmo nome e ressaltou a preferência do papa pela língua latina e seu desprezo pelo hebraico e o grego.¹⁰⁹ O autor também lembrou que em defesa dessa interpretação Napier argumentou que João escreveu para uma audiência grega que estava acostumada a prática de números sendo substituídos por nomes.¹¹⁰ Brady ainda ressaltou:¹¹¹

Brightman acrescenta uma nota que ocorre com bastante frequência, comentando que homens importantes, como imperadores, reis e magistrados, recebem a marca da Besta na mão direita, isto é, lutam como soldados da Besta; as pessoas comuns, por outro lado, carregam sua marca na testa, manifestando assim sua vassalagem à Besta. O “número do nome”, escreve ele, está gravado particularmente nos gregos, já que no ano de 1273 d.C, Miguel VIII Paleólogo fez um pacto especial com Gregório X em Lião, desde que ele e seu povo dariam a honra do principado ao papa latino; somente nestes termos eles receberam o reconhecimento da jurisdição papal.

Embora poucos estudiosos rejeitassem alguns pontos da tese de Irineu, mantiveram que a interpretação baseada no termo “lateinos” fosse a mais adequada.¹¹² Mas outros estudiosos rejeitaram essa interpretação.¹¹³ Para Nathaniel Stephens,

¹⁰⁶Ibid. p. 189.

¹⁰⁷Ibid.p.189-190.

¹⁰⁸BRADY, David. “The Number of the Beast in Seventeenth and Eighteenth Century England”. *The Evangelical Quartely*. [s.d.].p.220. Esse é um excelente artigo que apresenta como o número da Besta foi interpretado em épocas específicas.

¹⁰⁹Ibid.p.220.

¹¹⁰Ibid.p.221.

¹¹¹Ibid.p.221.

¹¹²BRADY, David. “The Number of the Beast in Seventeenth and Eighteenth Century England”. *The Evangelical Quartely*. p.221.

¹¹³Ibid.p.223-224.

por exemplo, a descrição da Besta sob as letras “χξς” (a notação alfabética grega para 600, 60 e 6, onde a terceira letra não é sigma final, mas a ligadura stau ou estigma, combinando σ e τ) é figurativa da mesma forma que a descrição de Deus como Alfa e Ômega em Apocalipse 1. 8 é figurativa, “ambos descrevendo não um nome literal, mas um atributo, e ambos fazem referência ao elemento tempo”.¹¹⁴ Assim, “o Reino de Cristo é um Reino eterno, enquanto os reinos dos homens, descritos através da linguagem simbólica dos quatro animais de Daniel, são reinos finitos, todos chegando ao fim”.¹¹⁵

Conclusão

Vitorino, um dos primeiros comentaristas do livro de Apocalipse, acreditava que o capítulo 13 descrevia acontecimentos da época dos destinatários originais do livro.¹¹⁶ Mas o leitor deve refletir muito bem antes de abraçar ou dar crédito a qualquer interpretação dogmática desse capítulo.¹¹⁷ Também deve cuidar para não fazer qualquer associação direta e inequívoca entre a Besta e qualquer personagem histórico. Isso porque toda a tensão do capítulo proíbe a suposição de que o significado do nome se esgota em um único indivíduo.¹¹⁸ Entretanto, não estamos proibidos de supor que Nero, Domiciano ou qualquer outro perseguidor da igreja agiram no mesmo espírito da Besta. Também podemos conjecturar que os “muitos anticristos” conhecidos na história podem ter sido os precursores de um Anticristo ainda mais terrível que está para se manifestar; mas que o Nosso Senhor Jesus o matará com o sopro da sua boca, e o aniquilará pela manifestação da sua vinda.¹¹⁹

Igualmente acreditamos ser um equívoco interpretar literalmente o número da Besta. O livro do Apocalipse emprega linguagem altamente simbólica para

¹¹⁴Apud em: BRADY, David. “The Number of the Beast in Seventeenth and Eighteenth Century England”. *The Evangelical Quartely*. p.225.

¹¹⁵Ibid.p.225.

¹¹⁶Cf. VICTORINUS. “Commentary on the Apocalypse”. Disponível em:<https://www.preteristarchive.com/0260_victorinus_apocalypse/>Acessado em:17/06/2019.

¹¹⁷Cf. BRADY, David. “The Number of the Beast in Seventeenth and Eighteenth Century England”. *The Evangelical Quartely*. p.238-240.

¹¹⁸MILLIGAN, William. “The Expositor's Bible: The Book of Revelation”. Hodder & Stoughton.(s.d).p.236.

¹¹⁹Ibid.p.236-237.

descrever Deus, Jesus, o Diabo, o novo céu e a nova terra, e é assim até mesmo quando descreve os dois agentes do inferno: a Besta que sobe do mar e a Besta que emerge da terra. Aliás, quando o Apocalipse fala dessas duas bestas é de animais que ele está falando? Claro que não! Assim, então, por que deveríamos interpretar a marca da Besta como literal? A resposta deste autor sobre essa questão, é que assim como o selo dos redimidos (Ap.7.3) representa um compromisso com Deus, a marca da Besta representa um compromisso com o Diabo e o anticristo.

Referências bibliográficas

- A fumaça de Satanás na igreja*. Disponível em: <<https://www.armazemcatolico.com/dvd-a-fumaca-de-satanas-dentro-na-igreja-pr-9172-103175.htm>> Acessado em:19/06/2019.
- BARCLAY, William. *Comentário do Novo Testamento*. [s.l.; s.n.; s.d.].
- BEALE, G.K.; CARSON, D.A. *Comentário do uso do Antigo Testamento no Novo Testamento*. Editora Vida Nova,2014.
- BLASCO, Lucia. *Como funcionam os microchips implantados sob a pele que permitem pagar sem dinheiro ou cartão*. Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/curiosidades-46408032>> Acessado em: 18/06/2019.
- BRADY, David. “The Number of the Beast in Seventeenth and Eighteenth Century England”. *The Evangelical Quartely*. [s.d.].
- BROWN, Raymond E.; FITZMYER, Joseph A.; MURPHY, Roland E. *Novo Comentário Bíblico São Jerônimo: Novo Testamento e artigos sistemáticos*. Academia Cristã e Paulus, 2011.
- BRUCE, F.F. “The Earliest Latin Commentary on the Apocalypse”. *The Evangelical Quarterly* 10, 1938.
- CARROL, B.H. “An Interpretation of the English Bible: The Book of Revelation”. Fleming H. Revell Company, 1913.
- CARVALHO, Adriano da Silva. *Novo Testamento: da crítica da forma à história do Cânon*. Editora Reflexão, 2018.
- CUKROWSKI, Kenneth. “The Influence of the Emperor Cult on the Book of Revelation”. Disponível em:<<https://pdfs.semanticscholar.org/4cf1/83bac-15232879f2dbd09d559c7364ab383cd.pdf>> Acessado em:15/06/2019.
- DEFrancisco, James. “Various Views on the Book of Revelation”. Disponível em:<https://www.academia.edu/5260420/Various_Views_on_the_Book_of_Revelation> Acessado em:18/06/2019.

- Época negócios. Disponível em: <<https://epocanegocios.globo.com/Tecnologia/noticia/2018/05/na-suecia-3-mil-pessoas-ja-usam-microchips-sob-pele-e-nao-temem-consequencias.html>> Acessado em:18/06/2019.
- FRUCHTENBAUM, Arnold. "The Use of the Old Testament in the Book of Revelation". Disponível em<<https://pdfs.semanticscholar.org/8e7f/382029d-d1f7b76ab573cd612e5e10595252a.pdf>> Acessado em:17/06/2019.
- GREEN, Jay P.; WIGRAM, George V. "The New Englishman's Greek Concordance and Lexicon". Associated Publishers & Authors, INC, 1982.
- GUTHRIE, Donald. "New Testament Introduction". Intervarsity Press -4th ed. 1990.
- HOSKIER, H. C. "Concerning the Text of the Apocalypse: Collations of All Existing Available Greek Documents with the Standard Text of Stephen's Third Edition" (Vol. I). Londres: Bernard Quaritch, LTD, 1929.
- JOHNSON, Jennifer A. "Tattoos of the Cross". Disponível em:<<https://www.christianitytoday.com/history/2009/march/tattoos-of-cross.html>> Acessado em: 15/06/2019.
- JUDGE, Edwin A. "The Mark of the Beast, Revelation 13.16". Tyndale Bulletin 42.1 (1991).
- LEE, Michelle V. "A Call to Martyrdom: Function as Method and Message in Revelation". Novum Testamentum Vol. 40, Fasc.2, 1998.
- METZGER, Bruce M. "Un Comentario Textual Al Nuevo Testamento Griego". SBU, 2006.
- METZGER, Bruce M.; EHRMAN, Bart D. "The Text of the New Testament: Its Transmission, Corruption and Restoration" (Fourth Edition). Oxford University Press, 2005.
- MILLIGAN, William. "The Expositor's Bible: The Book of Revelation". Hodder & Stoughton.(s.d).
- MOUNCE, Robert. "Comentario al libro del Apocalipsis". Editorial Clie, 2007. O Novo Testamento Grego – Quarta edição Revisada. SBA/SBB, 2008.
- OMANSON, Roger L. *Variantes textuais do Novo Testamento*. SBB,2010.
- OSBORNE, Grant R. *Apocalipse: comentário exegético*. Editora Vida Nova, 2014.
- PIVIK, Brian. "Gematria and Tanakh". © 2011 Brian Pivik.
- ROBERTSON, A.T. "Comentario al Texto Griego del Nuevo Testamento" (obra completa 6 tomos en 1). Editorial Clie,2003.
- ROBINSON, Edward. *Léxico Grego do Novo Testamento*, CPAD, 2012.

- ROWLAND, Christopher. “Reading the Apocalypse”. *The Way*, [s. l.], v. 39, n. 4, 1999.
- SHEEN, Fulton J. “El Comunismo y la Conciencia Occidental”. Espasa Calpe, 1961.
- TASSIE, Geoffrey J. “Identifying the Practice of Tattooing in Ancient Egypt and Nubia”. *Institute of Archaeology* 14, 2003.
- VICTORINUS. “Commentary on the Apocalypse”. Disponível em: <https://www.preteristarchive.com/0260_victorinus_apocalypse/> Acessado em: 17/06/2019.
- VICTORINUS. “Fathers of the Church. Commentary on the Apocalypse”. Disponível em: <<http://www.newadvent.org/fathers/0712.htm>> Acessado em: 17/06/2019.



Adriano da Silva Carvalho

Sobre o autor

Mestre em Estudos Hermenêuticos e Novo Testamento pelo CPAJ/Mackenzie – SP. É professor no departamento de línguas clássicas e vernáculas do Instituto Brasileiro de Educação Integrada – IBEI/RJ. Escreveu artigos para a Revista *Vox Scripturae*/Faculdade Luterana de Teologia e para a revista *Pesquisas em Teologia* — PUC/RIO. Autor de, entre outros, *Uma introdução ao estudo das Epístolas Pastorais*, *O pensamento escatológico nas cartas aos Tessalonicenses* e *Comentário de Judas*, publicados pela Editora Reflexão.

O holocausto e a doutrina bíblica da depravação total: como a Bíblia responde às diversas atrocidades cometidas pelo ser humano

Willy Robert Rodrigues



Rodion Românovitch Raskólnikov é o personagem central de *Crime e Castigo*, romance escrito entre 1865 e 1866 pelo célebre romancista russo Fiódor Dostoiévski. Como em vários outros de seus personagens, em Raskólnikov, Dostoiévski lida com a desconstrução da moral universal, onde o indivíduo que a desconstrói, se coloca acima das demais pessoas, e ultrapassa a barreira do “Não matarás”.

Raskólnikov é um jovem estudante, vivendo em São Petersburgo, no fim do século XIX, que se vê em um dilema moral. Ele é pobre, proveniente de uma cidade pequena, e sustenta seus estudos na capital por meio de aulas que dá para crianças, junto com uma ajuda enviada pela mãe, e alguns trocados enviados também pela irmã Avdótia Românovna. Em dado momento Raskólnikov perde o emprego de professor, sua situação financeira vai de mal a pior, ele é obrigado a abandonar os estudos e ainda está sendo cobrado, constantemente, pelos aluguéis atrasados. Ao mesmo tempo, sua mãe e irmã ficam dois meses sem poder lhe

enviar qualquer quantia, o que dificulta ainda mais sua situação. Não fosse a ajuda da criada Nastácia, ele não teria nem o que comer.

Raskólnikov possui uma cosmovisão onde ele separa as pessoas entre os extraordinários, pessoas que tem alguma contribuição para a humanidade, pessoas “fora da curva”, e as pessoas comuns, considerados como “pioelhos”. Um dia, em um bar, ele vê dois homens conversando, um estudante e um oficial, os homens conversam a respeito de Aliona Ivanovna, senhora usurária bem ranzinza e em certo sentido bem má. Raskólnikov havia conhecido essa mulher, pois penhorara um anel de ouro a troco de algum dinheiro. A conversa dos homens gira em torno de uma questão moral, observe:

— Ela é formidável — disse ele. — Tem sempre dinheiro para emprestar. Rica como um judeu, é capaz de pagar cinco mil na hora, e também não faz pouco caso de penhorar objetos que valem só um rublo. [...] Eu bem que mataria e roubaria aquela velha maldita, e garanto a você que sem o menor peso na consciência — acrescentou o estudante com ardor. De novo, o oficial deu uma gargalhada, mas Raskólnikov estremeceu. Que estranho, aquilo! — Desculpe, mas agora eu quero lhe fazer uma pergunta a sério — empolgou-se o estudante — Claro, eu estava só brincando, agora há pouco, mas veja bem: de um lado, uma velhinha tola, desmiolada, insignificante, perversa, doente, que não faz falta a ninguém, ao contrário, é prejudicial a todos, que nem sabe para que está viva e que amanhã ou depois vai morrer por conta própria. Está entendendo? Está entendendo? — Certo, estou entendendo — respondeu o oficial, cravando os olhos atentos no companheiro exaltado. — Pois continue escutando. De outro lado, forças jovens, frescas, que se extinguem em vão, sem apoio nenhum, e são milhares, estão em toda parte! Cem mil boas ações e empreendimentos que podiam ser concretizados e incentivados com o dinheiro da velha, condenado a ir para um mosteiro! Centenas, talvez milhares de existências que passam a ter um caminho; dezenas de famílias salvas da indigência, da degradação, da morte, da depravação, das doenças venéreas... e tudo isso com o dinheiro dela. Mate a velha e pegue seu dinheiro para, com a ajuda dele, dedicar-se a servir toda a humanidade e o interesse geral: o que você acha, esse crime único e minúsculo não seria atenuado por milhares de boas ações? Em troca de uma vida, milhares de vidas salvas da podridão e da desagregação. Uma morte em troca de cem vidas... É uma questão de aritmética! E o que significa, no cômputo geral, a

vida dessa velhota tuberculosa, burra e perversa? Não mais do que a vida de um piolho, de uma barata, e até nem isso vale, porque a velhota é nociva. Ela devora a vida dos outros. Raskólnikov sentia uma comoção extraordinária. Claro, tudo aquilo eram conversas e ideias de jovens, as mais rotineiras e frequentes, que ele já ouvira muitas vezes, apenas sob outras formas e sobre outros temas. Mas por que ele teve de ouvir aquela conversa e aquelas ideias exatamente agora, quando, em sua cabeça, tinham acabado de germinar... precisamente as mesmas ideias? [...] Aquela conversa banal de taberna teve um efeito extraordinário sobre ele, no desdobramento posterior da questão: como se fosse, de fato, uma espécie de predestinação, de diretriz.¹

A conversa que ele ouve no bar, coincide exatamente com o que pensava, e baseado nessa ideia ele leva a cabo sua intenção. Ele escolhe o dia e a hora oportuna, e por meio de uma armadilha acerta a cabeça de Aliona Ivanovna com um machado, só não contava que Lizavieta, irmã de Ivanovna, aparecesse no momento do crime e ele acaba matando também Lizavieta. O restante da história mostra como Raskólnikov lida com o castigo. Primeiro, sua própria percepção pessoal do que havia feito, e depois, as consequências legais de seu ato.

Os Pogroms

O século XX foi o século onde esse ideal de desconstrução da moral saiu das linhas teóricas e ganhou conotações práticas. Dentre os vários sistemas nefastos e mortais, o que mais se destaca, apesar de não ser o que matou mais, foi o nacional-socialismo. Em 1933, Adolf Hitler, líder do partido nacional-socialista chega ao poder na Alemanha, e sob a sua liderança se desencadeia a maior perseguição sistemática a um grupo étnico da história, conhecida como o Holocausto.

É fato que o antissemitismo não é algo inaugurado no Terceiro Reich. Durante toda a história os judeus tiveram suas terras assediadas por impérios vizinhos. Em 586 a.C, o reino de Judá é conquistado por Nabucodonosor, rei dos babilônios. Os judeus passam cerca de 70 anos no exílio, e ao final desse período, sob o domínio do império Persa, eles recebem permissão de voltar para sua terra. No ano 70 d.C., agora sob o império romano, os judeus novamente

¹Dostoiévski, *Crime e castigo*, p. 91-93.

são atacados, o templo e toda a Jerusalém são destruídos. No entanto, é somente no ano de 135 d.C., na Revolta de Bar Kokhba, dessa vez sob a regência do imperador Adriano, que os judeus são expulsos de vez de sua terra, dando início a maior diáspora da história. Somente retornarão ao seu território em 1948, após a Segunda Guerra Mundial.

Entre esses dois acontecimentos, passa-se cerca de 1800 anos, os judeus são espalhados pelo mundo, mas isso não significa que tiveram vida fácil. Em cada nação que se estabeleceram sofreram discriminação, perseguição e morte. Na Rússia, na época dos Czares, há incontáveis relatos de perseguição e morte aos judeus, é nesse local que deu-se início aos famosos *pogroms*,² que eram uma espécie de espancamentos sistemáticos de judeus pela população. Muitas vezes esses espancamentos se davam sob a anuência das autoridades locais, e inúmeras vezes eram seguidos de mortes.

Por muitas vezes esses pogroms eram incentivados sob falsas acusações contra os judeus, como por exemplo, aquilo que ficou conhecido como o Libelo de Sangue que era uma falsa história de que os judeus matavam bebês não judeus e usavam o seu sangue para preparar bolos para a Páscoa. Baseado nessa mentira, muitas pessoas caçavam e matavam judeus na época da Páscoa, sob a alegação de estarem fazendo o bem, já que os judeus eram vistos como “malditos assassinos de crianças”.

Alemanha

Ainda que os judeus tenham sofrido e sido perseguidos em todos os momentos e em todos os lugares por onde fixaram morada, nada se compara ao que aconteceu na Alemanha nacional-socialista, durante todo o período do Terceiro Reich.

Uma das bases que legitimavam a perseguição sistemática aos judeus era a noção de que os seres humanos podem ser distinguidos por raça, e que algumas raças são superiores a outras. Laurence Rees, em seu livro *O Holocausto: uma nova história*, lista três tipos de antissemitismos: 1) O antissemitismo “tradicional”, que

²O termo pogrom tem múltiplos significados, mais frequentemente atribuídos à perseguição deliberada de um grupo étnico ou religioso, aprovado ou tolerado pelas autoridades locais, sendo um ataque violento massivo, com a destruição simultânea do seu ambiente (casas, negócios, centros religiosos).

segundo ele era uma ideia vigente por toda a Idade Média de que os judeus deveriam ser preteridos pelos cristãos pelo fato de terem matado o Senhor Jesus; 2) O antissemitismo *völkisch*, que era a ideia predominante em algumas organizações culturais alemãs, de que havia no povo alemão uma conexão mística entre aqueles que habitavam o mesmo lugar, falavam a mesma língua e partilhavam uma mesma herança cultural. A suástica, por exemplo, foi usada como símbolo de vários desses grupos, e segundo eles, esse símbolo representava um vínculo com seus ancestrais mais distantes; 3) O antissemitismo racial, que era a ideia de que os seres humanos podiam ser distinguidos por raça, e que algumas raças, nesse caso a “raça” ariana, eram superiores a outras raças.

Junto a esses três tipos, soma-se o surgimento do movimento da eugenia. O cientista inglês Francis Galton cunhou esse termo em 1869, em um texto onde discute quem deveria procriar. Segundo ele, por meio de uma “cuidadosa seleção” seria possível produzir uma raça de homens superiores, “altamente dotados, por meio de casamentos criteriosos durante várias gerações consecutivas”. Laurence Rees diz que Galton nunca sugeriu impedir certas pessoas de procriar, mas outros o fizeram.

Sabe-se que o nacional-socialismo exterminou seis milhões de judeus, sem contar ciganos, homossexuais, testemunhas de Jeová e outros. E a grande pergunta que comumente se faz é: como isso foi possível?

A Grande Guerra, ou Primeira Guerra Mundial como ficou mais conhecida, aconteceu entre 1914 e 1918. Por volta de 1916 os alemães iam muito mal na linha de frente e o país estava enfrentando uma grande escassez de comida.

As pessoas procuravam alguém para culpar pelas dificuldades da Alemanha, e muitos começaram a culpar os judeus. O ministro da Guerra prussiano afirmou que seu ministério recebia continuamente queixas da população em geral de que grande número de homens da fé israelita estava se esquivando de seu dever de servir na linha de frente. [...] o fato era que havia judeus alemães alistados no exército na mesma proporção que não judeus. Mesmo assim, prevaleceu a mentira de que eles haviam, de algum modo, fugido ao seu dever com a Pátria. Os judeus, e não era a primeira vez na história, tornaram-se um bode expiatório.³

³Laurence Rees. *O Holocausto, uma nova história*. Vestígio. pg. 24-25.

Após a Grande Guerra — em que a Alemanha sai derrotada — houve um levante socialista. Em abril de 1919, revolucionários socialistas proclamaram uma “República Soviética” na Baviera. Na tentativa de impor políticas socialistas radicais em Munique, eles tomaram apartamentos caros de seus donos, a fim de colocar pessoas pobres no lugar. Usaram de violência em suas ações e com isso dez prisioneiros foram mortos. Como resposta, em maio de 1919, militares de direita entraram em Munique e derrotaram os comunistas matando mais de vinte mil deles. Segundo Laurence Rees, vários dos principais revolucionários comunistas eram judeus. Com isso, muitas pessoas acharam fácil justificar seu antissemitismo, fazendo uma ligação entre os judeus e o comunismo.

Quando surge o nacional-socialismo, ele surge declaradamente antissemita. A população alemã, no entanto, apesar de em sua grande maioria não ver os judeus com bons olhos, não era antissemita tão acentuada — ainda. Porém, com a nomeação de Hitler como chanceler, muitos aderiram facilmente à visão antissemita de Hitler de forma bem prática. Tudo por causa dos desdobramentos desastrosos da Grande Guerra no sentido econômico. Como já dito anteriormente, os judeus foram o bode expiatório, e quando as pessoas viram uma possibilidade de mudança no quadro econômico e que essa possibilidade trazia consigo essa carga antissemita, foi muito fácil assimilá-la. Alguns relatos da época mostram isso claramente logo no início da chegada dos nacional-socialistas ao poder.

Para muitos judeus alemães, o impacto de Hitler assumir a Chancelaria foi imediato. Eugene Leviné, estudante de uma escola com religiões mistas, lembra que um garoto não judeu, até então amistoso, abordou-o um dia e perguntou: “E aí, Leviné, já comprou passagem para a Palestina?”.

Arnon Tamir, em Stuttgart, teve um confronto similar: “O garoto mais estúpido da classe, que já vinha para a escola com uniforme de Stormtrooper, entregou-me um pedaço de papelão, onde estava escrito: ‘Passagem para a Palestina, caia fora e não volte nunca mais’”.

Em Hamburgo, a estudante judia Lucille Eichengreen e sua irmã também viveram uma súbita discriminação: “Hitler assumiu o poder em janeiro de 1933. As crianças que viviam no mesmo edifício [...] não falavam mais conosco. Atiravam pedras em nós, xingavam, isso foi talvez uns três meses depois de Hitler assumir

o poder. E não dava para entender o que havíamos feito para merecer isso. Então a pergunta era sempre ‘por quê?’”⁴

Além desses casos mais brandos, houve também casos de violência e assassinatos apoiados pelo povo comum. Em 25 de março de 1934, Kurt Bär, um *Storm-trooper*,⁵ foi a um bar na cidade de Gunzenhausen. Era um Domingo de Ramos, e o dono do bar era judeu. Ao chegar ao bar, Kurt alegou que Julius Strauss, filho do dono, havia cuspidido nele, o que era mentira. Com isso, Kurt espancou violentamente Julius, o seu pai e o resto da família. Quando uma multidão se ajuntou na frente do bar, Kurt interrompeu as agressões para fazer um discurso alegando que cristãos não poderiam tomar cerveja num bar de judeus, uma vez que os judeus eram seus inimigos mortais e responsáveis por crucificar o Senhor Jesus. Além disso, ele ainda afirmou que os judeus eram os responsáveis pelos dois milhões de mortos na Grande Guerra. Após seu breve discurso improvisado, Kurt retomou os espancamentos, dessa vez tendo o incentivo das multidões que gritavam “Dá nele! Dá nele!”.

Centenas de cidadãos da cidade saíram pelas ruas gritando “Os judeus têm que ir embora!”. As propriedades dos judeus foram atacadas, muitos foram presos e dois acabaram morrendo. Afirma-se ainda que as pessoas costumavam cantar pelas ruas: “E quando o sangue judeu pingar da faca, tudo será ótimo de novo! Camaradas da AS, vamos enforcar os judeus, colocar esses gatos gordos contra a parede!”⁶

Em outubro de 1938, quando a polícia cumpria ordens de deportar os judeus poloneses, uma testemunha relata o seguinte: “As ruas [na Alemanha] estavam pretas de gente gritando: ‘*Juden raus! Aus nach Palästina!*’” [Fora Judeus! Para a Palestina!].⁷

Qual foi o motivo de tudo isso?

Quando olhamos relatos como esses, tanto o fictício de Raskolnikóv, quanto os acontecimentos reais na Alemanha, é natural nos perguntarmos o porquê de

⁴Ibid p. 75 – 76.

⁵Tropas de assalto da Antiga NSDAP, partido nazista alemão.

⁶Ibid p. 85-86.

⁷*Eichman em Jerusalém: um relato sobre a banalidade do mal*. Hannah Arendt. Companhia das Letras. p. 250.

peças comuns, donas de casa, trabalhadores, jovens, estudantes, agirem com tamanha violência e crueldade. Mas é aqui que a Escritura Sagrada nos traz a resposta. Segundo as Escrituras, todo ser humano, sem exceção, é capaz de cometer as maiores atrocidades. Todo e qualquer ser humano é capaz de agir como o personagem de Dostoiévski, é capaz de agir como os soldados da SS e é capaz de agir como o cidadão comum na Alemanha que gritava: *Juden raus!*.

O apóstolo Paulo escrevendo à igreja de Roma cita o salmo 14 nas seguintes palavras:

Como está escrito: Não há justo, nem um sequer. Não há quem entenda; não há quem busque a Deus. Todos se desviaram; juntos se tornaram inúteis. Não há quem faça o bem, nem um sequer. A garganta deles é um sepulcro aberto. Enganam com a língua; debaixo dos seus lábios há veneno de serpente; a sua boca está cheia de maldição e amargura. Os seus pés se apressam para derramar sangue. Nos seus caminhos há destruição e miséria; e não conhecem o caminho da paz. Não possuem o temor de Deus. (Rm 3.9-18 A21).

Paulo aponta claramente a natureza pecaminosa do ser humano, e isso está explícito em todo o texto sagrado.

O pecado entra no mundo em Gênesis 3, e logo após a expulsão do homem do Éden, a Bíblia nos informa que Caim assassina seu irmão Abel. Isso se dá após Deus o advertir a respeito do sentimento que ele estava nutrindo em seu coração.

Então o Senhor perguntou a Caim: Por que te iraste? E por que estás com semblante abatido? Se procederes bem, não se restabelecerá o teu semblante? Mas, se não procederes bem, o pecado jaz à porta, e o desejo dele será contra ti; mas tu deves dominá-lo. Então Caim disse a seu irmão Abel: Vamos ao campo. E, enquanto estavam no campo, Caim se levantou contra o seu irmão e o matou. (Gn 4.6-7 A21).

Logo após relatar esse acontecimento, como uma espécie de queda em espiral, o texto bíblico vai relatando a progressividade da maldade entre os seres humanos como consequência do pecado. Temos a história de Lameque, que tomou para si duas mulheres e assassinou de forma banal dois homens, até que o livro chega num ponto crucial, “O Senhor viu que a maldade do homem na terra era grande e que toda a imaginação dos pensamentos de seu coração era continuamente má. A terra,

porém, estava corrompida diante de Deus e cheia de violência. E Deus viu a terra, e ela estava corrompida, pois a humanidade toda havia corrompido a sua conduta sobre a terra” (Gn 6.5,11,12 A21). Está claro que quando essa passagem afirma que a terra estava toda corrompida, o texto está falando sobre a humanidade, e tudo estava dessa forma por causa do pecado e da maldade dos seres humanos. Deus então envia o dilúvio e somente oito pessoas sobrevivem.

Após o dilúvio, a situação do ser humano, na medida em que foi se multiplicando, não foi muito diferente da época pré-diluviana. Os homens se reuniram em uma planície com o intuito de afrontar a Deus (Gn 11.1-4). Ninrode inaugura a escravidão (Gn 10.8,9), e logo vamos ter relatos de guerras, matanças, estupro (Gn 34), mais escravidão (Gn 37).

Na medida em que o homem vai se afastando de Deus ele vai criando para si seus próprios deuses segundo o seu coração impenitente. Com a idolatria surge também os casos de sacrifícios humanos em honra a esses deuses: “De que modo estas nações cultuavam seus deuses? [...] elas fizeram para com os seus deuses tudo o que o Senhor rejeita e considera abominação; queimam no fogo para os seus deuses até seus filhos e filhas” (Dt 12. 30,31 A21). A maldade era sem tamanho.

A maldade que se tem em mente aqui não é trivial. A lista mais completa dos tipos de maldade vem de Levítico 18. A passagem registra incesto, adultério, bestialidade, prostituição ritual e atos homossexuais.⁸

Além desses exemplos práticos das consequências do pecado na humanidade, é preciso levar em conta o conceito bíblico de como o pecado afeta todos os homens. O apóstolo Paulo diz o seguinte: “Portanto, assim como o pecado entrou no mundo por um só homem, e pelo pecado, a morte, assim também a morte passou a todos os homens, pois todos pecaram”. (Rm 5.12 A21). “Porque todos pecaram e estão destituídos da glória de Deus” (Rm 3.23 A21). O Senhor Jesus exemplifica bem como é o coração do homem pecador, ou seja, de todos os homens: “Porque do coração é que saem os maus pensamentos, homicídios, adultérios, imoralidade sexual, furtos, falsos testemunhos e calúnias” (Mt 15.19 A21). De acordo com os textos bíblicos, o homem é mau, é pecador e já nasce assim. (Sl 51.5).

⁸Paul Copan e Matthew Flannagan. *Deus Realmente Ordenou o Genocídio?* Vida Nova. p. 82.

João Calvino diz o seguinte a respeito da forma como o pecado original afeta o ser humano:

Por tal, vê-se que o pecado original seja uma depravação e corrupção hereditária de nossa natureza espalhada em todas as partes da alma, que primeiro nos torna réus pela ira de Deus e depois exhibe em nós a obra que a Escritura chama de obra da carne (Gl 5.19). E isso é propriamente o que muitas vezes é chamado por Paulo de pecado, donde emergem obras como adultérios, devassidões, furtos, ódios, massacres, orgias, que por isso chama de frutos do pecado, ainda que, tal como em toda a Escritura e também depois por Paulo, sejam igualmente denominados “pecados”.⁹

É importante mencionar que, quando a Escritura afirma a depravação total do ser humano, ela não está dizendo que em todo momento de sua vida o homem deixa aflorar os atos dessa natureza totalmente corrompida. Existem várias circunstâncias que funcionam como freios a essa disposição má, como por exemplo: as autoridades e leis instituídas; a decência e a opinião pública, o medo da punição, etc. E tais freios são também fruto da graça de Deus. Por outro lado, Bavinck é cirúrgico quando diz:

Observe, porém, que, enquanto [alguns] fatores podem restringir a disposição pecaminosa do coração, eles não a erradicam. Em todos os tipos de considerações, pensamentos e desejos sórdidos, ela continua vindo à superfície. Quando as condições são favoráveis e a necessidade surge, ela geralmente rompe as represas e diques que a restringem, e aqueles que mostram, por suas palavras e atos assustadores, que odeiam a Deus e ao próximo, não têm outra natureza senão a que é compartilhada por todas as pessoas.¹⁰

Perceba que Bavinck utiliza uma linguagem que sugere que a maldade plena da qual o ser humano é capaz está como que represada, e quando as condições são favoráveis, ou quando a oportunidade surge, essa maldade rompe a represa e aflora. Por isso, Raskolnikóv assassina violentamente Aliona e de igual forma, por

⁹João Calvino. *A Instituição da Religião Cristã*. Livro II. Cap. I.8.p. 233

¹⁰Herman Bavinck. *Dogmática Reformada*. Cultura Cristã. Vol 3. P. 124

causa da necessidade, assassina também Lizavieta. Por isso, não só os nacional-socialistas, mas também o povo comum maltratava, expulsava, espancava e até matava judeus no período do terceiro Reich.

No livro de Deuteronômio, o Senhor Deus adverte o povo de Israel a respeito do que aconteceria, caso eles desobedecessem às palavras do Senhor e quebrassem a aliança que haviam feito com Deus.

E no cerco e na aflição com que os teus inimigos te afligirão, comerás o fruto do teu ventre, a carne de teus filhos e de tuas filhas, que o Senhor, teu Deus, tiver dado a ti. [...] E a mulher mais mimosa e delicada, que de tanto mimo e delicadeza nunca põs a planta do pé na terra, será mesquinha com o homem do seu coração, com seu filho e sua filha. Ela será mesquinha com a placenta que sair dentre os seus pés, e com os filhos que tiver; porque os comerá às escondidas pela falta de tudo, no cerco e na aflição com que teu inimigo te afligirá nas tuas portas. (Dt 28. 53,56,57 A21).

Anos após este texto ter sido escrito, Ben-Hadade, rei da Síria, atacou e sitiou Samaria; por causa do sítio houve grande fome. Um dia quando o rei estava passando pelo muro da cidade ouviu duas mulheres brigando e uma delas clamou ao rei por socorro, e tal não foi a surpresa ao saber o motivo da discórdia:

Porém o rei perguntou: ‘Que tens?’ Ela disse: ‘Esta mulher me disse: Dá o teu filho, para que o comamos hoje; amanhã comeremos o meu filho. Cozinhamos o meu filho e o comemos’; no dia seguinte, eu lhe disse: ‘Dá o teu filho, para que o comamos’, mas ela escondeu o seu filho (2Rs 6.28,29).

A oportunidade fez romper a barreira e a maldade represada foi liberta.

Tudo isso nos faz enxergar com muito cuidado a realidade do pecado e, também, toda sua malignidade. O pecado explica por que coisas ruins acontecem. O pecado explica por que as pessoas matam, estupram, espancam, enfim, cometem os atos mais atrozes. Por isso o homem precisa se render a Cristo. Cristo é aquele que vence o pecado. Como João Batista afirmou: “Eis é o Cordeiro de Deus que tira o pecado do mundo”. O homem está infectado com esse mal e seu único remédio é Cristo Jesus. Como igreja do Senhor, precisamos urgentemente pregar Cristo às pessoas, mostrar que em Cristo há redenção, perdão dos pecados e reconciliação com Deus. Somente ele é a solução, somente ele traz paz.



Willy Robert Rodrigues

Sobre o autor

Estudou História, Geografia e Arqueologia do Antigo Oriente na ECTM (Escola de Capacitação Teológica Ministerial 2013-2014). Kursou teologia pelo CETADEB (2011-2013). Professor de teologia bíblica e sistemática no Instituto IBH (2017-2019). Aluno do Seminário Martin Bucer. Atualmente pastor da Igreja Batista em Santa Fé de Minas - MG. Casado com Rosy.

Credos cristãos ecumênicos como identidade cristã frente ao desafio do macroecumenismo

Ivan Carlos Gamba

Juan de Paula Siqueira



Em 1910 foi o marco para o chamado ecumenismo, a ideia de todos os cristãos buscarem uma unidade na base comum como também a partir dessa base ter uma plataforma de cooperação e ação comum para todas as denominações.¹ Por macroecumenismo, salienta-se uma perspectiva extracristã de acesso a Deus e a afirmação de que toda religião é uma manifestação do sagrado.

Para Vigil, macroecumenismo, na definição do conceito, coloca a expressão “em um nível mais amplo, (...) não só entre cristãos, mas entre as religiões e as pessoas, e até mesmo grupos não religiosos.”² Ele se utiliza da expressão *ekumene*, já explicada anteriormente, mas dando um sentido mais amplo, ultrapassando as

¹MENDONÇA, Antonio Gouvea. *O movimento ecumênico no século XX*: algumas observações sobre suas origens e contradições. In: http://www.koinonia.org.br/tpdigital/detalhes.asp?cod_artigo=236&cod_boletim=13&tipo=Artigo. Acesso em 16/03/2021.

²VIGIL, José María. *Macroecumenismo latino-americano*. Material não publicado.

fronteiras credais da fé cristã, conforme vê-se mais a frente neste texto, se utilizando de cientistas da religião como o Dr. Faustino Teixeira, docente da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF).³

Percebe-se na ênfase latino-americana, onde o termo tem sua origem em 1992 no Equador, uma cooptação de terminologias cristãs subjugadas pelo marxismo enquanto interpretação da realidade e não meramente um enfoque geográfico.⁴ Apesar da linguagem aparentemente bíblica de Brakemeier, “O *Ecumenismo acontece por amor ao mundo*, seguindo assim o exemplo do próprio Deus.”⁵ O mesmo afirma isso, tendo como contexto, perguntas a respeito de uma possibilidade de uma “teologia das religiões”.⁶

Na contemporaneidade, dá-se o nome a esse fenômeno tanto na academia quanto na expressão popular de “diálogo inter-religioso”. O nome não tem conotação negativa quando se tratam de questões do direito, da liberdade de expressão, da liberdade religiosa e do bem comum na prática da caridade, minimização do sofrimento humano e convivência social pacífica.

No entanto, quando as religiões são tomadas por ideologias seculares, tendem a fazer parte de uma imposição de uma agenda que obriga a todas as religiões, além da convivência pacífica (o que o texto salienta ser positivo), a não aceitação por parte do fiel de que a sua fé tem algum aspecto único ou singular.

O sociólogo Emile Durkheim em seu livro *Formas elementares da vida religiosa* salienta que toda religião é válida por ser uma expressão do sagrado, sendo útil para a manutenção da sociedade, fruto da mesma. Com isso, para o autor, quando a ciência descobrir o verdadeiro significado da religião, uma vez que ela não pode provar se existe alguma divindade ou não, é possível criar uma religião geral, abarcando todas as religiões em uma só.⁷

³Ibid.

⁴Ibid.

⁵BRAKEMEIER, Gottfried. Ecumenismo: Repensando o Significado e a Abrangência de um Termo. Belo Horizonte: Perspectiva teológica Vol. 33. N. 90. 2001. P. 215.

⁶Ibid.

⁷https://pt.wikipedia.org/wiki/As_Formas_Elementares_da_Vida_Religiosa. Acesso em 16/03/2021. O autor chega a essa conclusão ao ter como objeto de estudo uma tribo de aborígenes na Austrália, uma religião bastante primitiva em seu modo de culto.

Se toda religião é uma manifestação do sagrado, logo a fé cristã, que tem como distintivo a singularidade de Jesus na redenção do ser humano, por causa de sua obra expiatória ao morrer na cruz e sua ressurreição, não concorda e comunga com essa afirmação.⁸

Pela sua identidade, a fé cristã, em sua expressão antiga nos credos ecumênicos (que são professados por toda cristandade, todas as denominações cristãs) afirma essa singularidade em relação à pessoa e obra de Jesus Cristo. A Fé Cristã é uma fé credal e confessional, cujo conteúdo está centrado em Cristo.

O símbolo apostólico

(...) E em Jesus Cristo, seu único Filho, nosso Senhor, o qual foi concebido do Espírito Santo, nasceu da Virgem Maria, padeceu sob Pôncio Pilatos, foi crucificado, morto e sepultado, desceu aos infernos, no terceiro dia ressuscitou dos mortos, subiu aos céus, está sentado à destra de Deus, o Pai onipotente, donde há de vir para julgar os vivos e os mortos. (...) ⁹

O símbolo Niceno

(...) E em um só Senhor Jesus Cristo, Filho unigênito de Deus e nascido do Pai antes de todos os séculos, Deus de Deus, Luz de Luz, Deus verdadeiro de Deus verdadeiro, gerado, não feito, consubstancial ao Pai, por quem foram feitas todas as coisas; o qual, por amor de nós homens, e por nossa salvação, desceu dos céus, e encarnou, pelo Espírito Santo, na Virgem Maria, e se fez homem; foi também crucificado em nosso favor sob Pôncio Pilatos; padeceu e foi sepultado; e ao terceiro dia ressuscitou, segundo as Escrituras; e subiu aos céus; está sentado à

⁸MCGRATH, Alister. *Paixão pela verdade: a coerência intelectual do evangelicalismo*; tradução de Hope Gordon Silva. São Paulo: Shedd publicações, 2007. P. 23. “O cristianismo é singular entre todas as religiões do mundo. A razão de sua singularidade é a figura histórica que se constitui no seu centro — Jesus Cristo.” P. 23. “Jesus Cristo é a personificação e a auto-revelação de Deus.” P. 33. “O Novo Testamento afirma que a salvação só se torna possível e disponível por meio da morte e ressurreição de Jesus Cristo.” P. 35.

⁹*Livro de Concórdia*. Ed. Yedo Brandenburg. Traduzido por Arnaldo Schüller. – São Leopoldo: Sinodal; Canoas : Ulbra; Porto Alegre: Concórdia, 2016. P. 19.

destra do Pai, e virá pela segunda vez. Em glória, para julgar os vivos e os mortos; e seu reino não terá fim. (...) ¹⁰

O símbolo de Atanásio

(...) Mas, para a salvação eterna também é necessário crer fielmente na encarnação de nosso Senhor Jesus Cristo. A fé verdadeira, por conseguinte, é crermos e confessarmos que nosso Senhor Jesus Cristo, Filho de Deus, é Deus e Homem. É Deus, gerado de substância do Pai antes dos séculos, e é homem, nascido no mundo da substância da mãe; Deus perfeito, homem perfeito, subsistindo de alma racional e carne humana. Igual ao Pai segundo a divindade, menor que o Pai segundo a humanidade. Ainda que é Deus e homem, todavia não há dois, porém um só Cristo. Um só, entretanto, não por conversão da divindade em carne, mas pela assunção da humanidade em Deus. De todo um só, não por confusão da substância, mas por unidade de pessoa. Pois, assim como a alma racional e a carne é um só homem, assim Deus e homem é um só Cristo; o qual padeceu pela nossa salvação, desceu aos infernos, ressuscitou dos mortos, subiu aos céus, está sentado à destra do Pai, donde há de vir para julgar os vivos e os mortos. (...) ¹¹

E por último, a declaração de Calcedônia (451):

Fiéis aos santos pais, todos nós, perfeitamente unânimes, ensinamos que se deve confessar um só e mesmo Filho, nosso Senhor Jesus Cristo, perfeito quanto à divindade e perfeito quanto à humanidade, verdadeiro Deus e verdadeiro homem, constando de alma racional e de corpo; consubstancial (*homoousios*) ao Pai segundo a divindade, e consubstancial a nós segundo a humanidade; “em todas as coisas semelhante a nós, excetuando o pecado”; gerado, segundo a divindade, antes de todos os séculos pelo Pai, e, segundo a humanidade, por nós e para a nossa salvação, nasceu da virgem Maria, a mãe de Deus (*Theotókos*);

Um só e mesmo Cristo, Filho, Senhor, Unigênito, que se deve confessar em duas naturezas, inconfundíveis e imutáveis, consepáveis e indivisíveis. A distinção

¹⁰Ibid. P. 19-20.

¹¹Ibid. P. 21-22.

de natureza de modo algum é anulada pela união, mas pelo contrário, as propriedades de cada natureza permanecem intactas, concorrendo para formar uma só pessoa e uma subsistência (hypóstasis); não dividido ou separado em duas pessoas, mas um só e mesmo Filho Unigênito, Deus Verbo, Jesus Cristo Senhor; conforme os profetas, outrora a seu respeito testemunharam, e o mesmo Jesus Cristo nos ensinou, e o credo dos pais nos transmitiu.¹²

Os chamados credos ecumênicos formaram uma base de fé para enfrentar as heresias gnósticas que faziam reducionismos da pessoa de Jesus Cristo e suas duas naturezas, divina e humana, como também formam um alicerce hermenêutico para interpretação do texto sagrado, a partir dos aspectos centrais da fé para todos os cristãos.

O Dr. Victor Raj, luterano e professor de Teologia, salienta em seu excelente artigo, *O Desafio de Confessar e Ensinar a Fé Trinitária no Contexto do Pluralismo Religioso*, que a ação cujo título do artigo reflete, é um escândalo da fé cristã. O autor afirma ser impossível estabelecer um terreno comum entre as religiões em matéria de salvação. E se um projeto pluralista que não projeta o único ato salvífico de Deus em Cristo, poderia muito bem ser chamado de “politeísmo”.¹³

Raj salienta que: “O Deus da Bíblia é um Deus que cria, salva e santifica. Dar testemunho desse Deus é nada mais nada menos que testemunhar a Trindade.”¹⁴

Na contemporaneidade, os credos ressurgem como axiomas para que cristãos tenham consciência de sua identidade e confessem a fé em Jesus Cristo que não se apresenta como apenas um caminho dentre tantos outros no mercado religioso, mas como único caminho de salvação dos pecados entre a humanidade e o Deus Trino (Jo 14.6; 1Tm 2.5).

Aqui, é válido concluir com o reformador Martinho Lutero, que enfatizava a “escada da glória” — tendo como imagem a Torre e a Escada de Babel (Gn 11.1-9; 28.10-20), que era uma tentativa de acesso direto a Deus — como falsa,

¹²BETTENSON, Henry. *Documentos da Igreja Cristã*. São Paulo: Aste, 2007. P. 101.

¹³RAJ, A.R. Vitor. *The Challenge of Confessing and Teaching the Trinitarian Faith in the Context of Religious Pluralism*. Concordia Theological Quarterly, St. Louis, 1982, n.171, p.308-322.

¹⁴Ibid. P. 316.

e a Cruz como o único meio de encontro entre Deus e a humanidade.¹⁵ Macroecumenismo nada mais é do que a idólatra “escada da glória”.

Referências bibliográficas

- BETTENSON, Henry. *Documentos da Igreja Cristã*. São Paulo: Aste, 2007.
- BRAKEMEIER, Gottfried. *Ecumenismo: Repensando o Significado e a Abrangência de um Termo*. Belo Horizonte: Perspectiva teológica Vol. 33 N.90 . 2001.
- FERREIRA, Franklin. *Pilares da fé: a atualidade da mensagem da Reforma*. São Paulo: Vida Nova, 2017.
- Livro de Concórdia*. Ed. Yedo Brandenburg. Traduzido por Arnaldo Schüller. São Leopoldo: Sinodal; Canoas: Ulbra; Porto Alegre: Concórdia, 2016.
- MCGRATH, Alister. *Paixão pela verdade: a coerência intelectual do evangelicalismo*; tradução de Hope Gordon Silva. São Paulo: Shedd publicações, 2007.
- MENDONÇA, Antonio Gouvea. *O movimento ecumênico no século XX: algumas observações sobre suas origens e contradições*. In: http://www.koinonia.org.br/tpdigital/detalhes.asp?cod_artigo=236&cod_boletim=13&tipo=Artigo. Acesso em 16/03/2021.
- RAJ, A.R. Vitor. “*The Challenge of Confessing and Teaching the Trinitarian Faith in the Context of Religious Pluralism*”. *Concordia Theological Quarterly*, St. Louis, 1982, n.171, p.308-322.
- VIGIL, José María. *Macroecumenismo latino-americano*. Material não publicado.
- Internet: https://pt.wikipedia.org/wiki/As_Formas_Elementares_da_Vida_Religiosa. Acesso em 16/03/2021

¹⁵FERREIRA, Franklin. *Pilares da fé: a atualidade da mensagem da Reforma*. São Paulo: Vida Nova, 2017. P. 87 a 107.



Ivan Carlos Gamba

Sobre o autor

Formado em Licenciatura Plena em História pela UNOESC (Universidade do Oeste de Santa Catarina). Bacharel em Teologia pela ULBRA (Universidade Luterana do Brasil). Pós graduado em Psicopedagogia Institucional pela Universidade Positivo. Cursando pós-graduação em Teologia e Ministério pastoral pela ULBRA. Desempenha funções pastorais na Paróquia Cristo de Linha Lavina (IELB), São Paulo das Missões – RS. Casado com Andréia Simone Gretschmann Gamba e pai de Maria Luiza Gamba.



Juan de Paula Siqueira

Sobre o autor

Bacharel em Teologia pela Universidade Presbiteriana Mackenzie. Mestre em Teologia pelo Seminário Martin Bucer (Intracorpus). Pós graduando em Teologia e Ministério Pastoral pela Ulbra e Teologia Espiritual pela Faculdade São Bento do Rio de Janeiro. Professor de diversos seminários teológicos no Estado do Rio de Janeiro. Pastor da Igreja Batista do Redentor no Rio de Janeiro. Casado com Eulina Seda.

Unção de enfermos com óleo pelos presbíteros: uma análise de Tiago 5.14-15

Rodrigo Gonçalves Majewski



Introdução

A unção dos enfermos com óleo é uma prática bastante comum entre igrejas pentecostais. A passagem bíblica fundamental que justifica essa prática encontra-se na epístola de Tiago, capítulo 5, versos 14 e 15. Assim, é bastante comum na igreja Assembleia de Deus, por exemplo, após as pregações, fazer-se um “convite” para que os que tenham alguma necessidade, especialmente os enfermos, passem à frente para receberem uma oração com imposição de mãos e unção com óleo por parte dos presbíteros e pastores da igreja.

Afinal, a carta de Tiago justifica tal prática? Teria ela fundamento extra bíblico? Por que, afinal, muitas igrejas evangélicas não adotam essa prática, se ela está na Bíblia? O que o apóstolo Tiago quis dizer quando escreveu esses versículos?

Este trabalho pretende analisar essa passagem do ponto de vista exegético e histórico. Primeiramente será mostrado, resumidamente, de que forma a igreja interpretou e pôs em prática o ensino de Tiago sobre a oração pelos enfermos. Em seguida, serão apresentadas algumas considerações exegéticas oferecidas por

alguns estudiosos sobre o significado da passagem e a legitimidade de práticas que diversas igrejas mantêm atualmente.

Breve histórico da interpretação de Tiago 5.14-15

Aparentemente, esse trecho da carta de Tiago tratava-se de uma liturgia para a unção de enfermos da igreja antiga. Não se sabe, porém, em que circunstâncias era praticado tal ritual, nem se o mesmo era disseminado em toda a igreja.

Sabe-se que o rito descrito por Tiago foi praticado por oito séculos como algo “inteiramente óbvio e incontroverso”¹. Ao longo da idade média, especialmente durante o período carolíngio, porém, a igreja católica transformou a “unção de enfermos”, que visava a recuperação de pessoas doentes, em “extrema-unção”, que tinha por objetivo a preparação para a morte do enfermo. Ou seja, a igreja deixou de lado a expectativa de cura (talvez porque essa já não ocorria mais) e entendeu que a passagem de Tiago 5.14-15 referia-se ao ritual de preparação para a morte provável. Posteriormente, talvez pressionado pela controvérsia com os reformadores, o concílio de Trento consolidou a prática como “sacramento da extrema-unção”².

Os reformadores polemizaram com a igreja romana quanto ao sentido do rito descrito pela carta de Tiago. Lutero, na conhecida obra *Do Cativoeiro Babilônico da Igreja*, critica os diversos sacramentos consolidados pela teologia medieval. Ao rejeitar a extrema-unção, o reformador alemão afirma que a interpretação dada pelo catolicismo ao trecho da carta de Tiago sobre a unção de enfermos é totalmente equivocada. Não se trata de um sacramento, tampouco um ritual que deve ser ministrado apenas aos moribundos, pois a perspectiva é que o enfermo (de qualquer tipo) seja curado e não morra.³ Lutero entende que o texto fala de um ritual de cura cuja origem retoma a prática dos discípulos de Jesus registrada em Marcos 6.13: “E ungiam com óleo a muitos enfermos e saravam”. Nesse ritual, os anciãos e pessoas mais respeitáveis da igreja visitavam o enfermo, ungindo-o e orando com fé para que eles fossem sarados. A saúde e remissão dos pecados não estão relacionados com a unção, mas com a oração da fé. A unção é um “conselho de Tiago que pode ser usado por quem o quiser usar”, voltada para os que “sofrem

¹BRAATEN, 1995, p. 386.

²Ibid., p. 386.

³LUTERO, 2000, p. 419.

a enfermidade com maior impaciência e fé rude”. Nessas pessoas apareceriam os milagres e o poder da fé⁴.

Desde a reforma, como reação ao equívoco católico sobre a extrema-unção, as igrejas da tradição da reforma passaram a rejeitar a atualidade do rito descrito por Tiago. Argumentava-se que a cura que acompanhava a unção era um dom especial dado aos primeiros apóstolos ou à igreja da era apostólica. Lutero e Calvino, nesse sentido, adotaram uma concepção “cessacionista” quanto à possibilidade de cura mediante a unção de enfermos com óleo pelos presbíteros⁵. Contudo, não há nada no texto bíblico que limite a utilização do ritual ou que sugira que a cura estivesse limitada aos tempos apostólicos. Se bem que, como ensina BRAATEN, não possamos considerar instruções missionárias aos apóstolos ou a recomendação de uma norma para um grupo de congregações primitivas como dirigidas diretamente aos nossos pastores ou presbíteros hoje, também não podemos simplesmente dizer que a cura era uma prática limitada ao período apostólico, pois o simples fato da existência de uma “geração pós-apostólica” é, em si mesmo, uma anomalia para o evangelho, pois não se pode dizer que a igreja passou de uma situação apostólica para alguma outra coisa⁶.

No século XX, o movimento pentecostal resgatou a prática da unção dos enfermos com óleo, enfatizando que as curas eram possíveis, especialmente se alguns do corpo de Cristo tivessem o dom de curar, que é atual. Porém, devido aos desvios dos posteriores movimentos de cura pela fé e do neopentecostalismo, muitos cristãos têm reagido com ceticismo ao uso da prática recomendada por Tiago⁷. Teriam eles razão? Na minha concepção, não. Pode-se defender legitimamente como atual a prática de Tiago. Senão vejamos.

Considerações sobre a interpretação de Tiago 5.14-15

A primeira coisa a ressaltar nesta passagem é que ela está inserida em um contexto maior que trata do poder da oração em geral⁸. O contexto também aborda a con-

⁴Ibid., p. 420.

⁵BRAATEN, op. cit., p. 385.

⁶Ibid., p. 385.

⁷LOPES, 2006, p. 182.

⁸BRUCE, 2008, p. 2148.

fissão de pecados na igreja. A enfermidade, portanto, *pode* ter alguma relação com os pecados cometidos pelo enfermo. De qualquer forma, o verso 15 deixa bem claro que não é a confissão, tampouco o óleo ou o ritual que cura o enfermo, mas sim a “oração da fé”.

Os presbíteros eram os líderes da igreja. A iniciativa da unção, por outro lado, partia do enfermo, não dos líderes, ocorrendo na casa de quem a necessitasse (possivelmente pela sua impossibilidade de deslocamento até o local de reunião dos cristãos)⁹.

Interessante observar que Tiago recomenda que sejam chamados os presbíteros, não os que têm dom de curar. Isso talvez indique que a passagem não tem relação com o exercício específico do dom de curar, já que nem todo presbítero tinha esse dom (segundo 1Co 12.28-30, dons de liderança e de cura eram distintos, e a Bíblia não indica que todos os líderes da igreja primitiva possuíam esse dom) mas sim com uma prática adotada na igreja primitiva, na qual os presbíteros, talvez representando a igreja, eram chamados a orar pelo enfermo.

Qual o significado do óleo? Alguns consideram que era uma espécie de “remédio”, e que, portanto, não se trataria de rito religioso, mas de tratamento médico numa época em que a medicina era pouco desenvolvida e que os médicos não estavam disponíveis ao povo. Argumentam que havia um uso medicinal do óleo¹⁰. Contudo, a única referência à unção com óleo no Novo Testamento em contexto semelhante, Marcos 6.13, indica que os apóstolos curavam em um contexto miraculoso. Além disso, o uso da expressão “em nome do Senhor” indica um ritual religioso. Portanto, descarta-se a possibilidade de o óleo ser usado meramente com fins medicinais. Alguns sugerem também ser um amparo à fé do enfermo (uma “muleta” ou placebo) e o meio pelo qual o poder de Deus se manifesta¹¹. Contra essa opinião, o texto indica que o poder está na oração da fé, não no óleo. Além disso, não parece razoável que Tiago sugerisse o uso de elementos físicos de maneira supersticiosa, para fortalecer a fé dos mais fracos. Assim, adoto a posição de que o óleo era usado como um símbolo religioso, indicando a separação do enfermo para receber o cuidado especial de Deus (como os sacerdotes no Antigo

⁹Ibid, p. 2149; LOPES, p. 174.

¹⁰Ibid, p. 2015; ARRINGTON, 2004, p. 1688.

¹¹BRUCE, op. cit., p. 2149.

Testamento eram “separados” quando ungidos com óleo)¹² e possivelmente a ação do Espírito Santo, cuja pessoa por vezes é simbolizada pelo óleo na Bíblia¹³.

É importante ressaltar que o Novo Testamento não registra a unção com óleo como prática recorrente. Jesus nunca curou enfermos usando óleo, mas apenas pela imposição com as mãos. Ele também nunca determinou aos discípulos que usassem esse procedimento (um dos motivos, aliás, pelo qual Lutero rejeitou a extrema-unção ou unção de enfermos como um sacramento). Aparentemente, essa prática foi introduzida por Tiago entre os deveres dos líderes das igrejas judaico-cristãs¹⁴.

Sendo feita “em nome do Senhor” (Jesus), a unção vem selada com a sua autoridade. O presbítero age como um representante de Jesus, que haverá de abençoar o ato e aprová-lo¹⁵. Isso pode indicar, outrossim, que a cura somente ocorrerá se for feita conforme a vontade de Jesus, o que já indica a possibilidade de não haver cura¹⁶.

O verso 15 indica, como já foi mencionado, que é a “oração da fé” que salvará (curará) o enfermo, e o Senhor o levantará. Essa oração da fé, ou “oração feita com fé”, dá a entender que não se trata de fé comum, que todo cristão deve ter, mas de uma convicção especial dada por Deus em certas situações para seus servos, que podem ter certeza de que Deus ouviu a oração naquele momento e a responderá. É uma fé que não pode ser produzida pelo que ora, por meio de exercícios espirituais, mas é dom de Deus. Ela é dada por Ele, quando Ele soberanamente deseja atender o pedido. Isso ajuda a explicar por que nem todas as orações são respondidas. Não se trata de falta de méritos nossos, ou a falta de “justiça” ou “poder” do que ora (alguns poderiam associar essa passagem ao contexto imediato, que fala na oração do “justo” e em Elias, entendendo que somente os “bons” terão suas orações atendidas), mas da decisão soberana de Deus em não conceder a cura, pois não era da sua vontade. Se Deus conceder a cura, dará previamente o dom da fé para que se tenha a “oração da fé”¹⁷.

¹²ARRINGTON, op. cit., p. 1688.

¹³BRANDT, 1996, p. 407; LOPES, op. cit., p. 176.

¹⁴LOPES, op. cit., p. 174.

¹⁵Ibid, p. 175.

¹⁶ARRINGTON, op. cit., p. 1689; KISTEMARKER, 2007, p. 152.

¹⁷LOPES, op. cit., p. 178; BRUCE, op. cit., p. 2149.

Em alguns casos, a enfermidade pode estar relacionada ao pecado. Contudo, não podemos limitar o ritual de cura aos casos de enfermidades que decorrem de um pecado partícula. Isso porque o termo “doente”, usado no verso 14, é bastante genérico, não se aplicando somente aos que possuem enfermidades em decorrência de situações espirituais. Também a partícula “se” (se houve cometido pecados), indica que a relação entre enfermidade e pecado é apenas possível, não necessária¹⁸. Assim, Tiago ensina que, junto com a cura, eventuais pecados serão perdoados. É recomendado, portanto, que os presbíteros façam uma inquirição da vida espiritual do doente, aproveitando para dar a oportunidade de confissão e perdão¹⁹. De alguma forma, portanto, a enfermidade e o ritual de oração pela cura vêm acompanhados pela confissão de pecados e restauração espiritual, não somente física.

Conclusão

Este trabalho teve o objetivo de demonstrar, portanto, o significado da passagem de Tiago 5.14-15. Trata-se de um ritual praticado ao menos em parte da igreja primitiva que foi gradativamente sendo transformado, até se degenerar na “extrema-unção” católica. Contudo, foi resgatado recentemente em diversas denominações evangélicas, ainda que às vezes tristemente deturpado pelos movimentos da fé e pelo neopentecostalismo²⁰. De qualquer forma, nada no texto ou na Bíblia como um todo indica que a prática da unção de enfermos com óleo, acompanhada da possibilidade de cura e confissão dos pecados, tenha ficado restrita à “era apostólica”. Ainda hoje podemos adotar essa prática, mas talvez de forma mais restrita do que a que se vê em diversas igrejas carismáticas, sem apelar para o misticismo, sincretismo ou práticas humanas e marqueteiras que nada tem de bíblicas e espiritual. Orar pelos enfermos em nome de Jesus, usar o óleo como símbolo da ação curadora de Deus por meio do seu Espírito e a confissão de pecados são procedimentos legítimos que a prática demonstra que podem trazer muitos benefícios para o povo de Deus.

¹⁸BRUCE, op. cit., p. 2150.

¹⁹LOPES, op. cit., p. 179.

²⁰Sobre essa deturpação, uma profunda e provocadora reflexão é oferecida por GUTHRIE, 2013, p. 53-60.

Referências bibliográficas

- ARRINGTON, French L.; STRONSTAD, Roger (eds.). *Comentário Bíblico Pentecostal*. 2 ed. Rio de Janeiro: CPAD, 2004.
- BRAATEN, Carl E.; JENSON, Robert W. *Dogmática cristã*. Vol. 2. São Leopoldo: Sinodal, 1995.
- BRANDT, Robert L.; BICKET, Zenas J. *O Espírito nos ajuda a orar: uma teologia bíblica da oração*. Rio de Janeiro: CPAD, 1996.
- BRUCE, F. F. (ed.) *Comentário Bíblico NVI – Antigo e Novo Testamentos*. São Paulo: Vida, 2008.
- CALVINO, João. *Epístolas gerais*. São José dos Campos: Fiel, 2015.
- GUTHRIE, Nancy. *Antes de partir*. São José dos Campos: Fiel, 2013.
- KISTEMARKER, Simon. “Comentario al Nuevo Testamento. Exposicion de Santiago y de las Epistolas de Juan”. Grand Rapids: Libros Desafio, 2007.
- LOPES, Augustus Nicodemus. *Interpretando a carta de Tiago*. São Paulo: Cultura Cristã, 2006.
- LUTERO, Martinho. *Obras selecionadas*. Vol. 2. *Do Cativoiro Babilônico da Igreja*. São Leopoldo: Sinodal; Porto Alegre: Concórdia, 2000.



Rodrigo Gonçalves Majewski

Sobre o autor

Procurador Federal e Bacharel em Direito pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul, formado pelo curso livre em Teologia do Seminário Martin Bucer e Mestre em Teologia pelo Programa de Pós Graduação da Faculdades EST, São Leopoldo/RS. Professor de História do Pensamento Cristão e Teologia Contemporânea no Instituto Bíblico Esperança, Porto Alegre/RS. Professor no Seminário Martin Bucer.

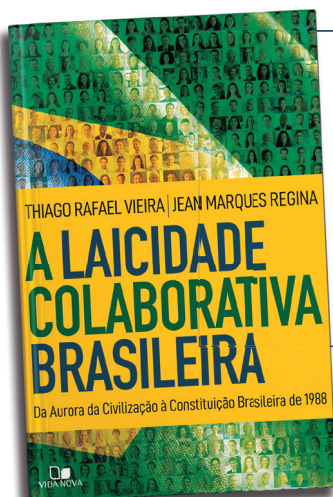
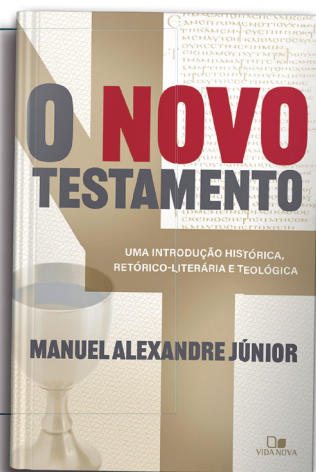
Lançamentos

O Novo Testamento: uma introdução histórica, retórico-literária e teológica

Manuel Alexandre Júnior | 16x23 cm | 800 p.

Dr. Manuel Alexandre Júnior, renomado autor português, escreveu uma obra que ultrapassa todas as expectativas de uma introdução que se preocupa tão somente com questões de ordem histórica, como autoria, data, fontes, propósito, destinatário e outros tópicos sempre presentes.

Este livro é indubitavelmente uma obra singular, um livro fundamental que une fé e teologia com o que há de melhor na erudição cristã.



A laicidade colaborativa brasileira

Da Aurora da Civilização à Constituição Brasileira de 1988

Thiago Rafael Vieira e Jean Marques Regina | 14x21 cm | 320 p.

Nesta obra, os juristas Thiago Rafael Vieira e Jean Marques Regina defendem que a forma pela qual o Estado se organiza e se relaciona com a religião e suas instituições trará consequências ao exercício de todas as expressões da liberdade religiosa, bem como do princípio basilar da República, isto é, a dignidade da pessoa humana.

Conectados

Relacionando sua fé com o que você assiste, lê e ouve

Daniel Strange | 14x21 cm | 192 p.

Atrações na televisão, Stories no Instagram, romances históricos — há um mundo inteiro de cultura para nos envolvermos. Mas como decidir o que podemos assistir? Como ajudar nossos filhos a lidarem com as escolhas? Como falar com nossos amigos sobre Jesus, quando tudo no que eles realmente estão interessados é o jogo de futebol da noite anterior ou as novidades da Netflix? Essas coisas são de fato importantes?

Este livro divertido e ponderado deseja libertar nossas mentes para nos envolvermos com a cultura de modo que nossa fé possa tanto nos alimentar como ser compartilhada com os outros.

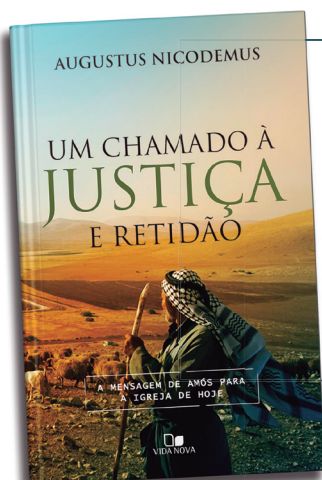
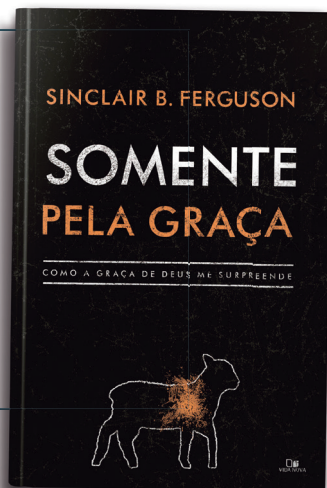


Somente pela graça

Como a graça de Deus me surpreende

Sinclair B. Ferguson | 14x21 cm | 160 p.

Nesta obra, Sinclair Ferguson lamenta o fato de “termos perdido a alegria de quando a graça ainda nos parecia verdadeiramente surpreendente”, e busca restaurar o significado da graça divina em nossa vida. Inspirado pelo magnífico hino *Oh, como a graça de Deus me surpreende*, do pastor africano Emmanuel T. Sibomana, Ferguson explora sete facetas da graça ao longo do livro, construindo seu argumento a partir de cada uma das estrofes compostas por Sibomana.



Um chamado à justiça e retidão

A mensagem de Amós para a igreja de hoje

Augustus Nicodemus Lopes | 14x21 cm | 480 p.

Augustus Nicodemus, com sabedoria e coração pastoral, nos mostra a urgência de conhecer mais sobre o Deus dos profetas, que é o mesmo Deus de hoje. Ou seja, Deus não é apenas Senhor dos cristãos, ele é Senhor do mundo. Ele proferiu juízo às nações pagãs da época e também o fará com as nações atuais que insistem em desobedecê-lo. Nada escapará do seu escrutínio.

Mundo plural

Como viver fielmente em um mundo de diferenças

Timothy Keller e John Inazu | 14x21 cm | 288 p.

Os tempos atuais são difíceis para todos os que lutam pelo bem comum e respeito à liberdade de pensamento. Entretanto, as diferenças entre pensamentos e crenças têm dividido amigos e até mesmo famílias. Diante disso, como os cristãos devem interagir com aqueles que estão ao seu redor, de modo a demonstrarem respeito para com aqueles cujas crenças são radicalmente diferentes das suas sem, contudo, abrir mão da fidelidade ao evangelho?

